

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**Faculdade de Letras**

**Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de  
Leitura e Produção de Texto – PROLEITURA**

**ISABELLA COLMANETTI ABDALLA**

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA E TAXONOMIA DE BLOOM: DO ENSINO DE UM  
ARTIGO DE OPINIÃO À FORMAÇÃO DE ALUNOS CRÍTICOS E  
ANTIRRACISTAS**

Belo Horizonte

2021

**ISABELLA COLMANETTI ABDALLA**

**SEQUÊNCIA DIDÁTICA E TAXONOMIA DE BLOOM: DO ENSINO DE UM  
ARTIGO DE OPINIÃO À FORMAÇÃO DE ALUNOS CRÍTICOS E  
ANTIRRACISTAS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Programa de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto (PROLEITURA), como requisito parcial para obtenção de título de especialista em Ensino de Leitura e Produção de Textos.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Abreu-Aoki

Belo Horizonte

2021

–  
A135s

Abdalla, Isabella Colmanetti.

Sequência didática e taxonomia de Bloom [recurso eletrônico].; do ensino de um artigo de opinião à formação de alunos críticos e antirracistas / Isabella Colmanetti Abdalla. – 2021.

1 recurso online (78f., il., tabs., color., p&b.) : pdf.

Orientadora: Raquel Lima de Abreu-~~oaki~~.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da UFMG.

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Referências: f. 46-47.

Apêndices: f. 48-81.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua portuguesa – Métodos de ensino. 2. Ambiente de sala de aula I. Abreu-~~oaki~~, Raquel. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 469.07



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

#### ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA ISABELLA COLMANETTI ABDALLA

Realizou-se, no dia 15 de julho de 2021, às 10:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Sequência didática e Taxonomia de Bloom: do ensino de um artigo de opinião à formação de alunos críticos e antirracistas*, apresentado por ISABELLA COLMANETTI ABDALLA, número de registro 2020654509, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Raquel Lima de Abreu Aoki - Orientadora (UFMG), Prof. Francis Arthuso Paiva (UFMG), Luciana Martins Arruda (UEMA)

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 15 de julho de 2021.

Profa. Raquel Lima de Abreu Aoki (Doutora)

Prof. Francis Arthuso Paiva (Doutor)

Luciana Martins Arruda (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por **Francis Arthuso Paiva, Servidor(a)**, em 15/07/2021, às 18:12, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Raquel Lima de Abreu Aoki, Professora do Magistério Superior**, em 19/07/2021, às 13:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Luciana Martins Arruda, Usuário Externo**, em 19/07/2021, às 14:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0795773** e o código CRC **CEA9C84B**.

*Sem memória e sem projeto, simplesmente  
não há saber.*

*Sylvain Auroux*

## AGRADECIMENTOS

Voltar ao contexto acadêmico após alguns anos apenas de sala de aula foi muito gratificante, principalmente porque passei a ter um outro olhar, talvez menos ingênuo, sobre a prática docente e acredito que consegui mobilizar algumas das inquietações neste presente trabalho, sobre como ensinar e o porquê. Muitas pessoas contribuíram para esse resultado, então, aqui vai o meu agradecimento a elas:

Começo agradecendo aos meus pais, Ana e José Augusto, que me deram a vida e me ajudaram na construção da minha história, bem como me deram condições para que eu me tornasse quem sou hoje.

Agradeço também a todos os profissionais que compõem a Faculdade de Letras (FALE), da Universidade Federal de Minas Gerais, na qual tive aula com professores incríveis e conheci colegas de sala que muito enriqueceram o meu olhar para a sala de aula e para o meu entorno sociocultural. A curta estadia em BH – antes da pandemia – não teria sido proveitosa como foi se não fosse todo esse contexto de troca e aprendizado.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Raquel Abreu-Aoki, que desde a primeira aula no curso mostrou-se muito atenciosa e parceira. Muito obrigada pelas elucidações, pelas conversas e por tornar possível o desenvolvimento do meu trabalho ao escolhê-lo!

Em seguida, mas não menos importante, agradeço a minha amiga Larissa (Lari/Larinha/”Miga”): parceira de todas as horas, pessoais, profissionais e acadêmicas. Você me encorajou de uma maneira que nem sabe e confiou em mim quando eu não sabia que eu poderia ser e fazer tudo aquilo que quisesse! Meu mais profundo agradecimento por ter me aberto tantas oportunidades profissionais e por ter se tornado minha amiga. Obrigada por ter topado participar desse curso comigo. Com certeza eu não seria a mesma e não teria me divertido e aprendido tanto se você não estivesse lá.

Agradeço, também, ao Victor, meu companheiro, grande amor, amigo e parceiro. Sua preocupação e incentivo durante todo esse processo me ajudaram a enfrentar as indecisões e os medos e sua presença amorosa fez tudo parecer fácil e possível de ser

feito. Suas dicas acadêmicas também foram essenciais para o meu sucesso. Amo nossa parceria e cumplicidade. Obrigada por acreditar em mim!

Agradeço à Angélica, minha sogra, que ouviu atentamente meus planos e projetos para esta pesquisa e muito colaborou para que eu conseguisse realizar este curso.

Agradeço, também, à Anna Bentes e Márcia Mendonça, professoras da UNICAMP com quem tive aulas maravilhosas e que trouxeram muito de seus conhecimentos para minha formação acadêmica e humana.

Por fim, meu agradecimento também vai aos meus alunos – aos que já foram e ainda são –, que todos os dias me ensinam sobre resiliência, amor e cuidado com o outro e que são, no fundo, os principais motivadores desta pesquisa. Obrigada por me ajudarem a construir o sentido da minha prática docente!

## RESUMO

Esta pesquisa buscou propor, frente a um contexto de ensino no qual imperam materiais apostilados e conteudistas, uma Sequência Didática (SD) que tem como objetivo promover o desenvolvimento da leitura e escrita do alunado, bem como sua postura crítica, a partir do gênero textual Artigo de Opinião. A fim de atingir este objetivo, utilizamos a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como currículo norteador e as habilidades enfocadas na Taxonomia de Bloom, na qual o objetivo sempre é partir do que tem de mais básico, em termos de ensino-aprendizagem, para se chegar ao mais complexo. Para o material produzido, o tema escolhido foi o racismo, trabalhado sob a ótica do antirracismo, questão imprescindível para a formação humana, além do fato que a própria BNCC preza por “utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos [...]” (BRASIL, 2018, p. 65). Assim, o diferencial deste estudo é a proposição de uma SD voltada não somente a um currículo oficial, mas também à Taxonomia de Bloom, promovendo às atividades, dessa forma, maior objetividade e reflexividade, diferentemente do que costuma ser proposto por materiais apostilados.

**Palavras-chave:** Sequência Didática; Taxonomia de Bloom; Artigo de Opinião; Antirracismo

## ABSTRACT

This study attempts to propose, in the face of a teaching context in which coursebook, content-based materials are predominant, a Didactic Sequence (DS) that has as purpose to promote the development of the students' reading and writing, as well as their critical attitude, through the textual genre "Opinion Essay". In order to achieve this purpose, we use the Brazilian National Common Curriculum Basis (BNCC, Base Nacional Comum Curricular, in Portuguese) as guiding curriculum, as well as the skills focused in Bloom's Taxonomy, in which the goal always starts from what is most basic, in terms of teaching-learning, towards what is most complex. For the material produced, the theme chosen was racism, worked under an anti-racist point of view, a matter indispensable for human development, considering the fact that the BNCC values "the use of different languages to defend points of view that respect the others and promote human rights [...]"(BRAZIL, 2018, p. 65). Thus, the differential of this study is the proposal of a DS aimed not only at an official curriculum but also at Bloom's Taxonomy, thus providing the activities with more objectivity and reflection, differently from what is usually presented by coursebook-based materials.

**Keywords:** Didactic Sequence; Bloom's Taxonomy; Opinion Essay; Antiracism.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Taxonomia de Bloom revisitada .....	22
<b>Figura 2:</b> Modelo de Sequência Didática .....	25
<b>Figura 3:</b> Sistematização detalhada do que deve conter a Sequência Didática .....	26
<b>Figura 4:</b> Quadro geral das categorias analíticas.....	29
<b>Figura 5:</b> Trecho de exercício retirado da Sequência Didática .....	42
<b>Figura 6:</b> Trecho da <i>checklist</i> de avaliação para reescrita .....	43

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

<b>BNCC</b>	Base Comum Nacional Curricular
<b>EFII</b>	Ensino Fundamental II
<b>EM</b>	Ensino Médio
<b>ENEM</b>	Exame Nacional do Ensino Médio
<b>LDB</b>	Lei de Diretrizes e Bases
<b>LP</b>	Língua Portuguesa
<b>PCN</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>PPP</b>	Projeto Político Pedagógico

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>CAPÍTULO 2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS</b> .....	20
2.1 Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Taxonomia de Bloom .....	20
2.2 Sequência Didática .....	25
2.3 Concepção de gênero .....	27
2.4 Artigo de Opinião .....	29
2.5 A argumentação .....	30
2.6 Racismo e antirracismo: uma discussão urgente .....	31
<b>CAPÍTULO 3 – SEQUÊNCIA DIDÁTICA</b> .....	34
3.1 Contextualização inicial .....	34
3.2 Exposição da organização modular da Sequência Didática .....	35
3.3 Sugestões de uso da Sequência Didática – Manual do Professor .....	36
3.3.1 Módulo 1 – Sondando conhecimentos prévios e entendendo o gênero .....	37
3.3.2 Módulo 2 – Solidificando os conhecimentos .....	40
<b>CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	44
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	46
<b>APÊNDICE</b> .....	48

## CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

### Contexto de produção e motivação - Proposta de Sequência Didática de um Artigo de Opinião

Em minha prática docente, tenho sentido a necessidade – e o compromisso – de ir além do material didático disponibilizado a mim. Trabalho em um contexto de escola particular, com os segmentos do Ensino Fundamental II (EFII) e do Ensino Médio (EM), com material apostilado, no qual percebe-se qualidade, mas também resquícios de uma lógica produtivista. Em outras palavras, tal suporte requer do docente e do aluno um trabalho massivo com várias habilidades mobilizadas simultaneamente e de forma rápida, o que tem se mostrado insuficiente para que os alunos desenvolvam de forma plena suas competências comunicativas<sup>1</sup>.

Em aspectos gerais, parece haver, hoje, um certo avanço no ensino de produção textual em relação há 50 anos, referente à fomentação de atividades de escrita situadas em um contexto de produção e com presença de maiores objetivos do que somente atender a norma-padrão. Segundo Bunzen (2006), foi apenas entre as décadas de 1970 e 1980 que a criatividade do aluno passou a ser um pouco mais valorizada na escrita. Entretanto, mesmo nesse período, ainda não havia “um espaço dedicado ao ensino de produção escrita, pois o texto ‘era tomado como objeto de uso, mas não de ensino-aprendizagem’.” (BUNZEN, 2006, p. 144). Foi nessa época que a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº 5692/71 modificou o que se tinha como objetivo nos procedimentos e métodos didáticos do ensino de língua portuguesa – doravante LP – de modo que o “*saber sobre a língua ‘deixa’, em certo sentido, de ser o enfoque principal, dando vez à compreensão e ao estudo dos códigos comunicacionais.*”<sup>2</sup> (Ibid.)

Nesse contexto, o ensino de redação no Ensino Médio ganhou uma nova concepção, visto que a partir do Decreto Federal nº 79.298, de 24 de fevereiro de 1977, todos os vestibulares deveriam incluir, em suas provas, uma redação em língua portuguesa. Assim, o ensino de texto passou a ser uma das prioridades escolares, apesar de Soares (1978) apud Bunzen (2006) afirmar que tal fato não resolveu os problemas de

---

<sup>1</sup> Para Canale e Swain (apud OLIVEIRA, 2010, p. 47), o conceito de competência comunicativa tem estreita relação com conhecimentos e habilidades: “Conhecimento aqui se refere àquilo que um indivíduo sabe [...] sobre a língua e sobre outros aspectos do uso comunicativo da língua; habilidade se refere a quão bem ele pode realizar esse conhecimento em comunicação real.”

<sup>2</sup> Grifos do autor.

escrita, mas sim cristalizou o objeto de ensino “redação para o vestibular”. Na prática, percebe-se que esse “produto” impacta tanto o aluno que irá prestar provas para ingressar no Ensino Superior como também aquele que está em processo de formação e aprofundamento dos seus conhecimentos no EFII. Isso ocorre porque, para parte das escolas, o objetivo primordial não é o aprendizado e formação crítica do alunado, de modo que o vestibular passa a ser a meta mais importante colocada para professores e alunos desde os anos finais do EFII<sup>3</sup>.

Nesse sentido, acredito que é possível que essa forma massificada de ensinar possa ser transformada e ter como consequência um ensino mais crítico por meio de alguns procedimentos de ensino-aprendizagem, dado que, no entendimento obtido a partir da experiência em contextos escolares como esse, em que o vestibular passa a ter um papel cada vez mais central e cada vez mais cedo, é necessário “aprender a ser coerente. De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável a mudanças”. (FREIRE, 2019, p. 12).

Considerando o exposto acima, produzi uma sequência didática (SD)<sup>4</sup> – contida no apêndice desta pesquisa – sob a perspectiva de Dolz, Schneuwly e Noverraz (2004, p. 82), que a consideram “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Em consonância com essa definição, Geraldi (1997) já havia pontuado a importância da produção de textos para o ensino-aprendizagem da língua, visto que para o autor, é no texto que a língua, enquanto um objeto de estudo, revela-se em sua totalidade, seja no aspecto formal – da forma –, seja na relação intersubjetiva intrínseca ao processo de enunciação.

Outrossim, no cenário inicialmente mencionado, além das competências<sup>5</sup>

---

<sup>3</sup> Ao colocar o maior número possível de alunos em Universidades Públicas, algumas escolas particulares adquirem status e passam a ser consideradas as melhores. Dessa forma, fica nítida a motivação do porquê, desde o EFII, mostra-se imperioso que os alunos tenham excesso de conteúdo: “formatá-los” para uma prova – sobretudo para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

<sup>4</sup> Pontuamos que a aplicação desta SD se dará em um segundo momento devido ao contexto de ensino híbrido, em decorrência da pandemia pela Covid-19, o que dificulta a discussão entre pares e acompanhamento simultâneo – e com a mesma qualidade – pelo professor. Ademais, o intuito é que a partir dessa aplicação futura possamos produzir novos trabalhos para relatar os resultados obtidos, o que necessita de um contexto de ensino-aprendizagem uniforme (todos os alunos em sala de aula ou todos os alunos no ambiente on-line).

<sup>5</sup> Para além da definição de competência comunicativa proposta por Canale e Swain (apud OLIVEIRA, 2010) na nota de rodapé 1, a definição mais específica do conceito de *competência* será abordada mais a frente, quando se fizer necessária a sua diferenciação do conceito de *habilidade* sob a ótica da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

comunicativas não serem exploradas de forma detalhada, percebe-se que a lógica produtivista no material didático não permite o aprofundamento necessário em determinadas questões, principalmente polêmicas, subjetivas e contraditórias, a exemplo do que ocorre na elaboração de um texto argumentativo, o que torna o trabalho com este gênero superficial e automatizado. Assim, para uma formação realmente significativa do alunado sobre a construção de um texto de opinião e a respeito do desenvolvimento de sua formação humana, considero ser imprescindível o acesso do professor e do aluno a múltiplos recursos de ensino-aprendizagem – não somente a um livro didático já formatado por um sistema de ensino – desde diferentes suportes, como revistas, jornais e sites, até textos multimodais e multissemióticos, como a charge, o cartum, o infográfico, para citar apenas alguns exemplos.

Desse modo, ante a todo esse cenário, meu intuito é trabalhar com os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental o gênero Artigo de Opinião por meio da SD supracitada. A partir desse movimento, pretendo suscitar em minhas aulas, e nas dos demais colegas de profissão, que se sentem inquietos com seus materiais, a reflexão sobre questões sociais e políticas, em relação às quais os alunos devem desenvolver sua criticidade, sem ser por um viés unicamente mercadológico (e apostilado), bem como amparada por um currículo maior<sup>6</sup>.

Tendo em vista que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) coloca como competência específica de linguagem para o EFII “Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos [...]” (BRASIL, 2018, p. 65), o assunto escolhido para a SD, que será feita em torno de um Artigo de Opinião, foi a pauta do antirracismo, tema amplamente necessário no contexto escolar, não somente pelo racismo estrutural<sup>7</sup> ser um fato a ser combatido, mas também pela época de tantos retrocessos sociais na qual estamos inseridos.

Ainda que nosso estudo esteja centrado na realidade brasileira, os eventos motivadores para a escolha deste tema ocorreram tanto fora quanto dentro do Brasil: o

---

<sup>6</sup> De acordo com Sacristán (2013, p. 17), **o currículo a ensinar** “é uma seleção organizada dos conteúdos a aprender, os quais, por sua vez, regularão a prática didática que se desenvolve durante a escolaridade.” - grifo do autor.

<sup>7</sup> O conceito de racismo estrutural, colocado ALMEIDA (2019), será alvo de explanação no Capítulo 2. Por ora, é importante saber que se trata de uma sistematização de práticas que inferiorizam outros grupos sociais, considerados inferiores por um grupo dominante – no caso, entendemos o grupo dominante como o das pessoas brancas, que inferioriza o das pessoas pretas.

primeiro, no contexto estadunidense, com George Floyd<sup>8</sup>; o segundo, no contexto brasileiro, com João Alberto Silveira Freitas<sup>9</sup>. Todavia, o que chama a atenção é que parece haver um movimento de maior sensibilização e debate, por parte dos brasileiros, quando um crime motivado por raça ocorre em outro contexto, no caso, o estadunidense. Pode-se pensar vários motivos para esse fato e, um deles, possivelmente, é a ideia que o racismo acaba ganhando em nosso país: a de que se trata de um problema já superado e que só ocorre com violência em outros países tidos como tradicionalmente racistas, como os Estados Unidos.

Entretanto, em um país como o Brasil, há inúmeros resquícios e impactos do período da escravidão, de forma que o racismo persiste; talvez não de forma tão explícita em muitas situações, mas certamente de forma velada, pois ainda há pessoas pretas sendo abordadas em diversas situações e tendo suas condutas ou idoneidade questionadas. Esse quadro manifesta-se, claramente, como um efeito do já mencionado racismo estrutural, a exemplo do que ocorreu com João Freitas.

Todavia, como fazer para que os alunos compreendam essa realidade e consigam estabelecer relações entre o porquê o racismo ainda existe de forma naturalizada e velada e o porquê pessoas morrem pela cor de sua pele em pleno século XXI, se a fonte e a discussão destas informações vier apenas por um único suporte de ensino?<sup>10</sup> Bentes (2010), a esse respeito, afirma que a escola, no Brasil, tem a necessidade de assumir princípios que há tempos vêm sendo difundidos pela educação popular, a saber: o diálogo, a discursividade, a autonomia, a indignação e a solidariedade.

Assim, este trabalho não se centrará em discutir como os docentes podem fazer a escolha mais acertada de materiais didáticos, mas sim, em como fornecer caminhos de atividades e novas perspectivas para que se chegue à adequação de práticas em cada

---

<sup>8</sup> Afro-americano de 46 anos assassinado em Minneapolis em 2020, depois de ser estrangulado por um policial branco.

<sup>9</sup> Brasileiro de 40 anos, espancado até a morte por dois homens brancos, incluindo um Policial Militar, no supermercado Carrefour, no estado do Rio Grande do Sul, em 2020.

<sup>10</sup> Tal afirmativa vai ao encontro da competência requisitada nos 8º e 9º anos do EFII e que será o foco desta SD, posto que ela menciona justamente o acesso a diversas fontes de informação: (EF89LP10) Planejar artigos de opinião, tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. –, a partir da escolha do tema ou questão a ser discutido(a), da relevância para a turma, escola ou comunidade, do **levantamento de dados e informações sobre a questão, de argumentos relacionados a diferentes posicionamentos em jogo, da definição – o que pode envolver consultas a fontes diversas, entrevistas com especialistas, análise de textos, organização esquemática das informações e argumentos – dos (tipos de) argumentos e estratégias que pretende utilizar para convencer os leitores.** - grifo nosso.

realidade de quem lê, sempre tendo por base um currículo nacional<sup>11</sup> e o respeito à diversidade e aos direitos humanos com o intuito de desenvolver um alunado crítico e consciente. Tal objetivo foi encontrado em outros trabalhos, como no de Gonçalves e Ferraz (2016), os quais enfatizaram que o objetivo da produção de uma Sequência Didática não era a formação de produtores de material didático, pelo contrário: a intenção é mobilizar educadores para que estes reflitam e tenham consciência do seu entorno educacional.

Frente a isso, o objetivo desta sequência didática, em um primeiro plano, é propiciar aos docentes

- A reflexão sobre o ensino-aprendizagem de argumentação, do gênero textual Artigo de Opinião e da questão antirracista;
- O reconhecimento de que o planejamento sistematizado, por meio de habilidades relacionadas a uma competência em específico, permite um trabalho mais aprofundado e sólido, que promove maior capacidade de criticidade e letramento dos alunos em relação às práticas sociais.

No caso dos objetivos voltados aos estudantes, espera-se que, de **forma geral**, eles possam, por meio desta SD, ter uma vivência de letramento acerca do gênero Artigo de Opinião frente a um tema polêmico, tão presente e marcante em nossa sociedade. No concernente aos objetivos específicos, é esperado que seja possível a eles:

- **Reconhecerem** situações concernentes ao racismo e o gênero textual em sua materialidade;
- **Entenderem** o funcionamento da atividade argumentativa e **aplicarem** procedimentos de organização textual para, a partir deles, produzirem um texto coeso, coerente e bem fundamentado em relação ao tema;
- **Analísarem** o procedimento de organização textual feito na primeira produção textual para iniciar o aperfeiçoamento do produto final – texto opinativo (reescrita);

---

<sup>11</sup> A BNCC foi estruturada com base na Taxonomia de Bloom, elemento que também utilizamos neste trabalho para construir a concepção da SD, o qual elenca níveis de complexidade – do mais básico ao mais complexo – a fim de desenvolver uma competência específica: **Entender** determinado assunto, **explicá-lo** ou, a partir de um tema, fazer o aluno **elaborar** uma produção própria (textos, por exemplo).

- **Criticarem** textos diversos, sobre racismo e antirracismo, como forma de enriquecer o repertório cultural, sempre verificando a autenticidade das informações, a autoria e o respeito aos Direitos Humanos e
- **Produzirem** um artigo de opinião<sup>12</sup>

O diferencial desse trabalho, portanto, não se encontra propriamente na proposição de uma Sequência Didática, mas sim, na forma como se pode pensar e analisar os conteúdos presentes nesse formato de ensino-aprendizagem. Não foram encontrados estudos, na área de Letras, que levassem em consideração a analogia proposta pela Taxonomia de Bloom – organizar um trabalho em torno de habilidades, que compõem uma competência – em conjunto com o ensino das etapas de um gênero textual, no formato de Sequência Didática, e tendo a BNCC como base. Assim, como mencionado nos objetivos acima, voltados aos docentes, acreditamos que esta forma de pensar as atividades e o Artigo de Opinião – sob a ótica da Taxonomia de Bloom – pode proporcionar um ensino mais sistematizado, reflexivo e crítico.

Após explicitarmos algumas premissas e motivações nesta Introdução, seguimos para as considerações teóricas deste estudo, de forma mais aprofundada, que englobarão: o Currículo a ser utilizado; a concepção e uso da Taxonomia de Bloom; a organização da Sequência Didática; o que entendemos como gênero textual e tipos textuais, bem como a conceituação de Artigo de Opinião; os componentes que norteiam o trabalho com a Argumentação e, por fim, um breve histórico da questão de raça no Brasil.

---

<sup>12</sup> Os seis verbos aqui destacados se referem aos níveis de complexidade da Taxonomia de Bloom.

## CAPÍTULO 2 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

### 2.1 Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Taxonomia de Bloom

Pesquisas atuais mostram que os professores de língua portuguesa não “ensinam” português aos seus alunos, falantes nativos da língua. A aula de Língua Portuguesa já é considerada o momento para que os jovens, que chegam à escola com determinado nível de competência linguística, possam expandir e aprimorar esta competência. Isso significa que eles devem aprender não somente conteúdos objetivos, como a Gramática, mas também, a se comunicarem em diversos contextos sociodiscursivos, seja o escolar ou não. Nas palavras de Oliveira (2010, p. 49), “é necessário sensibilizar e conscientizar os alunos acerca das possibilidades que a língua lhes oferece diante de situações contextuais diversas”.

Nesse ponto, são pertinentes as palavras de Costa Val (2004) quando a autora aponta que a fim de desenvolver capacidades relativas à criticidade nos processos de leitura e escuta, as tarefas da escola devem colocar para os alunos a consideração do quando, onde, para quem e para quem determinado escrito será produzido. Ainda, nas palavras da autora, “[...] na construção da coerência e na apreciação do texto, levem em conta a situacionalidade, a intencionalidade [...] e na interpretação, procurar recompor as condições em que o texto foi produzido, facilitará e enriquecerá o processo de textualização (COSTA VAL, 2004, p. 5).”

Esta última habilidade citada por Costa Val, relativa a recompor as condições de produção de um texto, parece-nos ser um procedimento essencial para a concretização do aprendizado funcional da língua e de qualquer processo de produção textual, tendo em vista que o texto é um “evento comunicativo no qual convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais”, segundo Beaugrande (1997) *apud* Koch (2011, p. 20). Dessa forma, faz-se necessário um planejamento engajado, por parte do docente, a fim de que ele possa se certificar a respeito do cumprimento de todas as etapas necessárias para que o aluno trabalhe as competências linguísticas mais básicas e avance até as mais complexas.

Esse planejamento engajado envolve sempre considerar um currículo, que pode ser um documento oficial da própria escola, a exemplo do Projeto Político-Pedagógico (PPP), ou documentos nacionais, a exemplo dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para esta SD, escolhemos a BNCC como norteadora do trabalho porque é um documento que visa níveis de

habilidades diferentes, ou seja, auxilia no trabalho de desenvolvimento de uma atividade a partir de seu nível mais básico até o mais complexo. A fim de elucidar melhor este processo, vejamos como uma competência<sup>13</sup> da BNCC é estruturada:

- a) **Ação cognitiva:** verbo que explicita o processo cognitivo envolvido na habilidade.
- b) **Objeto de conhecimento:** complemento desse verbo que demonstra os objetos de conhecimento mobilizados na habilidade.
- c) **Contextualizadores:** modificadores do verbo ou de seu complemento, que buscam evidenciar o contexto e/ou uma maior especificação da aprendizagem esperada.

Tomemos como exemplo a competência da BNCC que guiará a SD a ser apresentada neste trabalho:

**(EF89LP10) Planejar (AÇÃO COGNITIVA) artigos de opinião (OBJETO DE CONHECIMENTO)**, tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. –, a partir da escolha do tema ou questão a ser discutido(a), da relevância para a turma, escola ou comunidade, do levantamento de dados e informações sobre a questão, de argumentos relacionados a diferentes posicionamentos em jogo, da definição – o que pode envolver consultas a fontes diversas, entrevistas com especialistas, análise de textos, organização esquemática das informações e argumentos – dos (tipos de) argumentos e estratégias que pretende utilizar para convencer os leitores **(CONTEXTUALIZADORES)**.

Apesar de a competência acima ser extensa, nem todas são desta forma. Isso porque algumas competências cobrarão apenas habilidades básicas, como somente reconhecer determinado conceito ou interpretar determinada informação. Quando se tem um verbo como o *Planejar*<sup>14</sup>, estamos lidando com uma atividade em seu nível mais

---

<sup>13</sup> Na BNCC, competência é considerada como “a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.” (BRASIL, 2018, p. 8). As habilidades, por sua vez, são as etapas – desde as mais básicas às mais complexas – para que se atinja o domínio de determinada competência.

<sup>14</sup> O verbo *Planejar* é equivalente a Criar, Produzir, Desenvolver, dentre outros que constam na tabela abaixo. Para este trabalho, optamos por escolher seus sinônimos ao nos referirmos a ele para que se mantenha a coerência no que pretendemos propor, tendo em vista que Planejar, nos usos sociais cotidianos, pode adquirir outros sentidos que não cabem a esta pesquisa.

complexo, que requer a criação de algo e exige etapas mais básicas de trabalho para que, de fato, o *Planejar* seja feito de forma integral.

As noções relativas às competências básicas e complexas são vistas na Taxonomia de Bloom, a qual foi revisitada por pesquisadores e utilizada como base para a confecção das matrizes curriculares da BNCC<sup>15</sup>. Nas palavras de Pinto (2016, p. 128):

De acordo com a *Taxonomia de Bloom*, para considerar que houve uma aprendizagem real, o aluno precisa ser capaz de lembrar-se de conceitos aprendidos, entender os conteúdos, aplicar os conhecimentos em situações práticas e diferentes do cotidiano, ter capacidade para analisar e avaliar situações, além de capacidade para criar novas estruturas a partir do seu conhecimento.

A figura abaixo ilustra esse processo. A exemplo do que foi acima mencionado por Pinto (2016), parte-se da esquerda para a direita a fim de se perceber o fio condutor do ensino-aprendizagem, que se inicia com as habilidades menos complexas - *memorizar, compreender e aplicar* - e finaliza com habilidades mais complexas - *analisar, avaliar e criar*:

MEMORIZAR	COMPREENDER	APLICAR	ANALISAR	AVALIAR	CRIAR
Listar	Esquematizar	Utilizar	Resolver	Defender	Elaborar
Relembrar	Relacionar	Implementar	Categorizar	Delimitar	Desenhar
Reconhecer	Explicar	Modificar	Diferenciar	Estimar	Produzir
Identificar	Demonstrar	Experimentar	Comparar	Selecionar	Prototipar
Localizar	Parafrasear	Calcular	Explicar	Justificar	Traçar
Descrever	Associar	Demonstrar	Integrar	Comparar	Idear
Citar	Converter	Classificar	Investigar	Explicar	Inventar

**FIGURA 1: TAXONOMIA DE BLOOM REVISITADA<sup>16</sup>**

<sup>15</sup> LEAL, Leiva de Figueiredo Viana. Processos Cognitivos. In: Curso de Especialização em Língua Portuguesa: teoria e prática do ensino de leitura e produção de textos, 2020-2021, Belo Horizonte. Aula da disciplina Leitura na Sala de Aula/Unidade IV, Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2020. Disponível em: <https://virtual.ufmg.br/20201/course/view.php?id=12810>. Acesso em: 19 fev. 2021.

<sup>16</sup> Disponível em: <https://tdsemcomplicacao.wordpress.com/2019/12/12/afinal-o-que-e-taxonomia-de-bloom/>. Acesso em 7 mar 2021. Conforme pontua Pinto (2016, p. 135): “A Taxonomia de Bloom [...] foi

Tem-se, então, para a competência da BNCC escolhida por nós, os seguintes passos:

**Nível 1 - Reconhecimento do gênero e do tema escolhidos:** mobilização do conhecimento prévio dos alunos a respeito: i. do tema racismo e antirracismo e ii. Do gênero textual Artigo de Opinião; **apontamento** dos suportes mais comuns que divulgam o artigo de opinião para a sociedade; identificação da esfera de comunicação social a qual ele pertence; elaboração de hipóteses a respeito das características do gênero textual;

**Nível 2 - Entendimento de modelos de artigo de opinião:** divulgação de exemplo de artigo de opinião, bem como da sua teoria básica, colocando em perspectiva a noção de tipologia textual x gênero textual;

**Nível 3 - Aplicação de repertório de informações:** produção inicial a partir do que foi mobilizado em relação ao tema – racismo e antirracismo – e gênero textual;

**Nível 4 - Análise de informações:** acréscimo de características do gênero textual e de informações que promoverão a melhor compreensão do tema; leitura e verificação dos apontamentos feitos pelo docente em uma primeira versão de correção do texto;

**Nível 5 - Avaliação crítica da correção da primeira versão:** reflexão sobre o processo de escrita e seleção de ideias com mediação do professor; seleção do que pode permanecer no texto e sobre o que deve ser incluído ou retirado e

**Nível 6 - Produção do artigo de opinião:** produção final do processo de ensino-aprendizagem, que terá envolvido da ordem mais básica até a mais complexa em termos de processos cognitivos

Nessa perspectiva, no intuito de promover uma educação realmente cidadã, sou adepta do pensamento de que o ato de determinar o processo de ensino-aprendizagem é essencial, porque é a partir disso que se poderá planejar com eficiência as atividades e a forma como essa aprendizagem se dará no campo escolar.

Assim, acredito que a visão interacionista, pontuada por Oliveira (2010) como

---

revisada e o novo modelo apresentado em 2001 faz uma adaptação da estrutura original às novas necessidades e realidade do campo educacional [...] As categorias foram renomeadas em: lembrar, entender, aplicar, analisar, sintetizar e criar, declarando o resultado que se espera do aluno em cada categoria.”

aquela dá origem à concepção interacional da linguagem e que considera o aprendizado levando em conta a junção de três fatores essenciais, a saber, i) o aluno, ii) a sua natureza biológica e iii) o meio sociocultural do qual ele é advindo, é a melhor opção para que um dos intuitos do material que será produzido possa se concretizar: tornar os sujeitos críticos, informados e humanizados, bem como sujeitos que interajam<sup>17</sup> com o conhecimento obtido.

Sob esse viés, evidenciamos que para conseguir cumprir plenamente os níveis cognitivos acima, além de um projeto de ensino contextualizado, o professor deve levar em consideração que o seu aluno não poderá permanecer como um sujeito passivo no aprendizado. Nas palavras de Oliveira (2010, p. 28), “O aluno, sob a perspectiva sociointeracionista, não é mais visto como um ser passivo [...], ele passa a ser concebido como um sujeito ativo”. Esse sujeito ativo é capaz de extrair conhecimento a partir de várias interações e vários suportes: colegas, professores, livros didáticos e não didáticos, ou seja, insumos diversos. Nesse mesmo sentido, Santos (2012) apud Pinto (2016) esclarece que “o aluno precisa se sentir capaz e seguro para aplicar [...] os conhecimentos que estão sendo adquiridos em sala de aula, isentando-o da necessidade de viver com a incerteza de tentativa e erro.”

Isso tudo nos remete ao que Costa Val (2004) coloca como situacionalidade e intencionalidade: a primeira, como uma espécie de situação em que aquele texto produzido poderia circular e fazer sentido; a segunda, que é demonstrada nas intenções do produtor de textos frente aos receptores deste texto a respeito do que será produzido por ele. Tais conceitos mobilizados por Costa Val devem nortear não somente o trabalho com os alunos, mas também a postura do professor: um indivíduo que prioriza ensinar tendo em vista a funcionalidade e contexto real de determinado gênero e que tem clareza de sua intencionalidade ao ensinar o que se ensina.

Após a explanação a respeito do currículo, habilidades e competências que serão enfocadas, trataremos especificamente, no próximo tópico, da teoria concernente à Sequência Didática.

---

<sup>17</sup> Koch (2011, p. 17) pontua que “o sentido de um texto [...] é construído na interação texto-sujeitos (ou texto-co-enunciadores) e não algo que preexistia a essa *interação*” e menciona, também, que na perspectiva interacional/dialógica da língua, a compreensão é entendida como “uma atividade *interativa* altamente complexa de produção de sentidos.” (Ibid.) - grifos meus. Em outras palavras, para compreender efetivamente um texto em determinado contexto e suporte, é preciso interagir com ele questionando-se sobre o que se lê, de forma a ativar conhecimentos prévios.

## 2.2 Sequência Didática

Quanto à Sequência Didática, inicialmente é preciso refletir sobre seu objetivo. De acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004, p. 81), ela tem “a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”. Isto posto, a estrutura básica que utilizaremos seguirá o seguinte esquema, proposto por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004: 1998):

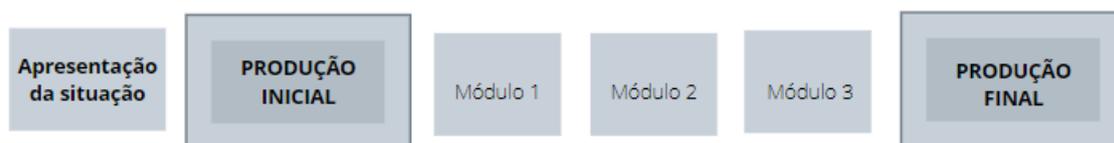


FIGURA 2: MODELO DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Inicialmente, a SD apresenta uma situação. Essa apresentação visa expor um problema de ensino-aprendizagem ou mesmo definir o objeto de estudo, bem como selecionar os conteúdos que serão estudados ao longo dela (CASSEB-GALVÃO e DUARTE, 2018).

Ademais, o modelo acima evidencia que serão feitas duas produções: a inicial, com premissas básicas do gênero que serão mencionadas aos alunos, e uma final, após um trabalho direcionado por meio de textos, discussões e atividades, o que certamente se constituirá por meio de uma atenção mais direcionada aos processos de ensino-aprendizagem, ao contrário do que costuma ocorrer em livros didáticos apostilados, conforme já mencionado na introdução.

Entre as produções inicial e final há a divisão do trabalho em módulos. Esse sistema modular é composto por ampla variedade de atividades e exercícios, que trazem, aos poucos, domínio necessário para seguir com as demais propostas, de acordo com Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Os autores também apontam que “no momento da produção final, o aluno pode pôr em prática os conhecimentos adquiridos e, com o professor, medir os progressos alcançados” (DOLZ, NOVERRAZ e SCHNEUWLY, 2004, p. 84). Tais conhecimentos mencionados são adquiridos por meio da progressão dos módulos da SD, somados ao conhecimento prévio que o aluno possui – este último enfocado logo no início do material produzido por este estudo.

A tabela abaixo proposta por Casseb-Galvão e Duarte (2018) sistematiza todas essas etapas:

<b>Etapas</b>	<b>Ações</b>	<b>Instruções de implementação</b>
<b>1<sup>a</sup> Apresentação da situação</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>❖ Exposição de um problema de comunicação/definição do objeto de estudo.</li> <li>❖ Seleção dos conteúdos do texto a serem estudados.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Proposição de um caminho a ser seguido.</li> <li>• Definição do gênero a ser produzido.</li> <li>• Definição da temática a ser desenvolvida.</li> <li>• Seleção dos elementos linguísticos para a produção do texto.</li> </ul>
<b>2<sup>a</sup> Produção inicial</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>❖ Escrita do texto inicial pelo aluno.</li> <li>❖ Atividade reguladora da sequência didática.</li> <li>❖ Subsídio à preparação das atividades para as próximas fases.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Determinação das atividades seguintes.</li> <li>• Observação das principais dificuldades e do nível de conhecimento dos alunos sobre o gênero.</li> </ul>
<b>3<sup>a</sup> Módulos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>❖ Elaboração dos conteúdos.</li> <li>❖ Discussão e planejamento do texto.</li> <li>❖ Estudo das especificidades e peculiaridades do gênero em questão.</li> <li>❖ Exercícios de análise linguística</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Definição dos módulos com base nos problemas recorrentes nos textos dos alunos.</li> </ul>
<b>4<sup>a</sup> Produção final</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>❖ Exercício de revisão e reescrita.</li> <li>❖ Atualização das noções e os conhecimentos adquiridos nos módulos.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Percepção do nível de abstração e aproveitamento da sequência didática pelos alunos.</li> </ul>

**FIGURA 3: SISTEMATIZAÇÃO DETALHADA DO QUE DEVE CONTER A SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Através dessas etapas, os agentes de ensino passam a fornecer credibilidade para esse modo de ensinar, já que ele tem se relevado como propulsor da versatilidade, da diversidade textual e do caráter interativo das atividades, conforme enuncia Casseb-Galvão e Duarte (2018).

É possível observar, portanto, que a Taxonomia de Bloom vai ao encontro do modelo de SD pautado por Schneuwly, Dolz e Noverraz (2004), justamente pelo seu caráter modular e que propõe a mobilização do conhecimento em etapas. Acreditamos que a junção dessas duas ferramentas potencializará o trabalho com o gênero Artigo de Opinião, de modo a deixá-lo mais consistente, organizado e engajado.

A partir da explicação dos elementos da SD, partiremos para os tópicos concernentes ao gênero textual e, em seguida, trataremos especificamente do Artigo de Opinião.

### **2.3 Concepção de gênero**

Conforme mencionado, a Sequência Didática a ser exposta neste trabalho será voltada para o 9º ano do EFII e terá como foco a produção do gênero Artigo de Opinião. Posto que “os gêneros discursivos-textuais dão forma e viabilizam a materialização de uma linguagem, instrumentalizando a participação interativa do aluno nas mais diversas situações comunicativas em esferas e contextos sociais distintos”, assume-se, do mesmo modo, que eles servem como instrumentos mediadores (CASSEB-GALVÃO; DUARTE, 2018, p. 29) à linguagem como uma prática social.

Assim, após demonstrar a esquematização da SD, é válido contextualizar a concepção de gênero aqui utilizada. Para Bakhtin (1997), o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional são os elementos que permitem caracterizar os gêneros do discurso, pois fazem com que eles se tornem tipos relativamente estáveis, ou seja, gêneros que podem possuir características fixas ao mesmo tempo em que possuem características instáveis.

Para o autor, o conteúdo temático corresponde a um domínio de sentido de que se ocupa o gênero, ou seja, não se contenta apenas com o assunto específico de um texto. Uma carta de amor, por exemplo, trata do conteúdo temático das relações amorosas. (Fiorin, 2011)

O estilo linguístico, por sua vez, refere-se às escolhas de estrutura e léxico que permeiam aquele conteúdo temático e fazem sentido naquele contexto. Esse contexto é a construção composicional, que, por sua vez, indica uma forma de estruturação de determinado gênero. Essa mesma carta de amor deve estar inserida em um contexto, de

tempo e espaço, por exemplo, a fim de que faça sentido para seus interlocutores. (Fiorin, 2011).

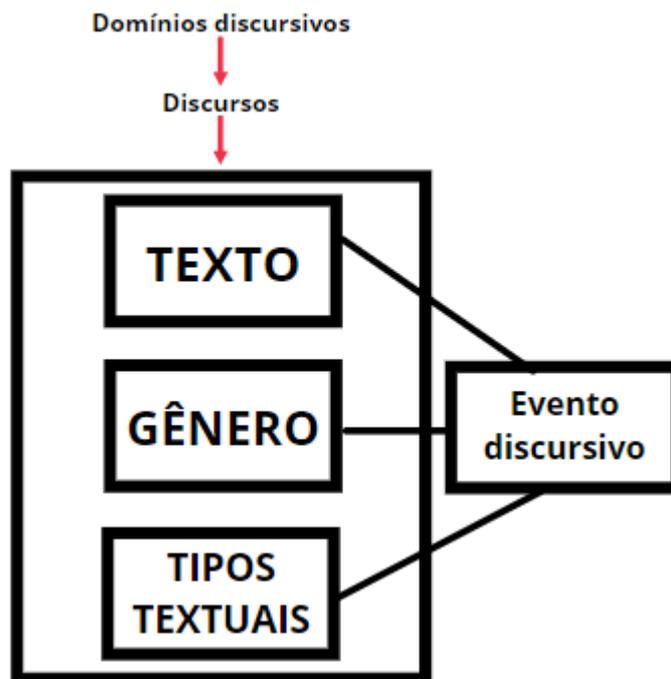
Ainda de acordo Fiorin (2011, p. 54)<sup>18</sup> “é preciso considerar que Bakhtin insiste no fato de que os gêneros são tipos *relativamente* estáveis de enunciados. [...] ele implica que é preciso considerar a historicidade dos gêneros, isto é, sua mudança”. Essa “plasticidade” relativa aos gêneros do discurso é um mecanismo que permite a adoção - ou não - de determinados enunciados em determinadas situações, de modo que o enunciador e o interlocutor consigam, ambos, adaptarem-se ao contexto de comunicação. Tal afirmativa leva-nos ao que Koch (2011) trata pelo conceito de *contexto* no âmbito da Linguística Textual, que corresponde não somente a uma situação de interação imediata, mas também ao entorno sociopolítico-cultural e ao contexto sociocognitivo dos interlocutores.

Além disso, Fiorin (2011, p. 52) aponta que “Bakhtin não vai teorizar sobre o gênero, levando em conta o produto, mas o processo de sua produção. Interessam-lhe menos as propriedades formais dos gêneros do que a maneira como eles se constituem”. Em outras palavras, “os enunciados devem ser vistos na sua função no processo de interação” (Ibid.). Essa perspectiva se alia ao que já foi discutido neste trabalho no concernente ao conceito de texto como atividade interativa e complexa e ao conceito de contexto mobilizado acima.

Entretanto, antes de adentrarmos o gênero textual em questão no presente trabalho, é importante estabelecer a diferenciação entre tipo textual, gênero textual e domínio discursivo. Enquanto o primeiro corresponde a uma construção teórica que abarca aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempos verbais, o segundo diz respeito aos textos materializados em situações comunicativas na sociedade, caracterizados por um estilo, um contexto e uma linguagem. O terceiro, nas palavras de Marcuschi (2008, p. 155), “constitui muito mais uma ‘esfera da atividade humana’ no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos”.

---

<sup>18</sup> A obra de Fiorin (2011) foi acessada em suporte digital, portanto, os números de páginas dela aqui elencados se referem à posição no ebook em questão.



**FIGURA 4:** QUADRO GERAL DAS CATEGORIAS ANALÍTICAS

Quadro adaptado para este trabalho. (Marcuschi: 2008, p. 175)

Desse modo, ao visualizarmos a figura acima e identificarmos o gênero como uma das partes do evento discursivo, vamos a uma breve conceituação do Artigo de Opinião.

## 2.4 Artigo de Opinião

Ao se trabalhar um gênero como Artigo de Opinião, espera-se que os alunos possam compreender melhor e tomar consciência não somente das estruturas da língua, mas também dos contextos em que um gênero como esse pode circular. Se elucidarmos aos alunos que ele está inscrito na esfera jornalística, pode-se, a partir daí, iniciar a elaboração de hipóteses de quais características este gênero deve ser composto: fazer parte de um campo mais formal, da exposição de informações e da justificativa destas informações por meio de uma argumentação coerente, por exemplo. Ademais, segundo Gonçalves e Ferraz (2016, p. 124-125), tem-se que o Artigo de Opinião é elaborado “por um cidadão comum que assume o papel de articulista, defensor de uma posição a respeito de um assunto polêmico, pela qual se responsabiliza, [...] tentando convencer seu leitor”.

Neste gênero, há abordagem de temas relevantes, atuais e muitas vezes polêmicos e que respaldam vários nichos: sociais, políticos, econômicos, educacionais,

comportamentais, científicos e culturais. A intenção ao se escrever sobre eles é justamente fomentar o debate público a respeito de determinada temática e ponto de vista. Também está inclusa na intenção da situação comunicacional a persuasão do leitor, ou seja, o seu convencimento a aderir determinada visão de mundo. Devido aos suportes nos quais costuma circular – revistas, jornais, blogs informativos –, a linguagem a ser apresentada é padrão, com argumentos que sejam claros e objetivos a fim de reforçar determinado ponto de vista e também transmitir credibilidade por meio da linguagem. Essa credibilidade faz parte da argumentação, assunto do próximo tópico.

## **2.5 A argumentação**

Quando se trata de um de texto de opinião, sabe-se que apenas ter uma opinião não é suficiente, é necessário também fundamentá-la. Desse modo, as práticas argumentativas são caracterizadas “pelas tentativas de oferecer justificativas racionais para sustentar teses ou posições que esclareçam temas controversos ou que permitam decidir acerca dos mais variados cursos de ação sob circunstâncias incertas”. (SACRINI, 2019, p. 51). Ainda de acordo com Sacrini (2019), para que essa ação de argumentar se concretize, é preciso levar em consideração dois elementos sociais de fundo, a saber: i) reconhecimento da incerteza a respeito dos fatos cotidianos e maneiras de ação e interação; ii) estabilidade de situações institucionais favoráveis aos debates a fim de que se possa acrescer ideias para além do que tradicionalmente é esperado para determinada temática.

Nesse sentido, o ensino da argumentação por meio da produção de um texto de opinião deve ter como pressuposto discutir essas “incertezas” e instabilidades do tema – no caso deste trabalho, questionamentos, por parte dos alunos, a respeito da existência ou não do racismo, que podem surgir, por exemplo – do mesmo modo que favorecer a criação de um ambiente seguro e propício para a discussão dos alunos, porque nem todos terão, necessariamente, pontos de vista antirracistas. A consciência e construção desses dois elementos sociais é imprescindível para que o professor consiga conquistar a confiança da sala e fazer intervenções posteriormente, a fim de provocar a reflexão e a mudança na percepção do fato social discutido.

Além disso, sabendo que a argumentação é uma atividade humana, é possível afirmarmos que sabemos argumentar, pois conseguimos avaliar quando somos bem-sucedidos ou não no que pretendemos demonstrar ao outro, de acordo com Koch e Elias (2020). Entretanto, não basta, no mundo em que vivemos, saber apenas avaliar se conseguimos persuadir o outro em determinada questão ou não, mas também refletir sobre este ato comunicativo e entender que há diversos níveis de argumentação.

Esses diversos níveis se traduzem tanto em saber como elaborar um texto persuasivo, como organizá-lo, como finalizá-lo e “amarrar” seus elos, como também em perceber que há situações comunicacionais que exigirão um aporte de informações e consequente mobilização delas de forma mais complexa e outras que exigirão a explanação de fatos e informações de maneira mais superficial. Como fazer com que o aluno entenda, então, este processo? Isso é possível no momento em que todo o trabalho pautado por uma concepção linguística e de ensino de gênero evidencia ao estudante que para cada ato comunicativo, deve-se levar em conta quem está nesse processo de comunicação (emissor e receptor), qual o assunto, qual o suporte em que o texto será veiculado e qual a linguagem a ser adotada.

Fazê-los entender que todo ato comunicativo pressupõe um contexto é essencial, e evidenciar que o ato de argumentar constitui um ato linguístico fundamental, conforme Koch e Elias (2020), é de suma importância para a construção desse cidadão crítico e antirracista que poderemos formar a partir desta prática.

## **2.6 Racismo e antirracismo: uma discussão urgente**

O Brasil é um país que foi e é constituído por indivíduos de origens diversas. Essas origens, entretanto, tornam-se, muitas vezes, motivos para que determinadas pessoas tenham suas vivências sejam legitimadas e outras não consigam o mesmo. É o que ocorre com a parcela da população preta brasileira, que apesar de ser a maioria no nosso país – 54% dos brasileiros são negros, de acordo com o IBGE<sup>19</sup> – acaba se configurando como “minorias” quando pensamos em relação a direitos sociais e tratamento igualitário ou mesmo humanizado.

---

<sup>19</sup> Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>. Acesso em 23 jun 2021.

Historicamente, somos uma nação que até meados do século XIX se constituía como uma colônia de Portugal. Tal fato tem, em si, diversas problemáticas em relação aos negros, que foram escravizados e trazidos à força do continente africano para cumprirem atividades sem remuneração, de forma desumana, violenta e precária, bem como sofreram com a separação ou perda de seus familiares.

Ademais, ao contrário do que muito é difundido a respeito da abolição da escravatura, a então Princesa Isabel, filha de D. Pedro II, não assinou a Lei Áurea, de libertação do povo negro, por um ato humanitário. Havia uma pressão externa para que o Brasil seguisse o padrão de outros países que já tinham posto fim à escravidão, somado a um amplo processo de mobilização e pressão popular no país.

Após a assinatura da Lei Áurea, em 1888, as pessoas negras não tiveram nenhuma oportunidade de se integrarem socialmente. Isso significa que nenhum processo de reparação social ou de auxílio foi posto em prática, de modo que, junto com o racismo, o preconceito e a discriminação, os negros ainda tiveram de lidar com a total falta de oportunidades para (re)construírem sua vida. Tal contexto histórico explica muito do que se percebe hoje na sociedade: ainda não temos garantidos aos negros os mesmos direitos que os brancos, haja vista que essa reparação social apenas começou, a exemplo do processo de cotas para negros em Universidades ou Concursos Públicos, por exemplo.

Na atualidade, o discurso meritocrático impera em grande medida e o senso comum acaba por não levar em consideração a história brasileira e em como ela reflete totalmente na desigualdade de oportunidades ofertadas às pessoas. As consequências de todo esse quadro podem ser percebidas desde o fato de haver falta de acesso a serviços básicos, como direito à saúde, à educação, à cidade, da mesma forma que também há a persistência do racismo e a não tomada de consciência, por parte da população, dessas desigualdades.

Após a descrição desse histórico, é relevante para a maior compreensão da atualidade abordarmos o conceito de racismo estrutural, o qual rege a nossa sociedade. Nas palavras de Almeida (2019, p. 15)<sup>20</sup>, “o racismo é sempre estrutural, ou seja, [...] ele é um elemento que integra a organização política e econômica da sociedade”.

A partir do momento em que se leva consciência a esse contexto, é esperado que haja polêmicas em relação a ele, sobretudo pelo fato de muitos, ainda, não se

---

<sup>20</sup> Esta obra, assim como a de Fiorin (2011), foi lida por meio de um suporte digital. Dessa forma, a paginação que aqui consta refere-se à posição no ebook no dispositivo Kindle.

considerarem racistas ou, ao menos, não considerarem estar em um sistema todo estruturado nas desigualdades de raça supracitadas. Se tal premissa está presente na organização política da sociedade, é notório que ela pode estar presente nos discursos que, vez ou outra, circulam na escola.

Por ser um elemento estruturante, então, o racismo foi escolhido como mote desta SD, do mesmo modo que a pauta antirracista<sup>21</sup> -, já que fazer com que os alunos percebam que o “racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea” (ALMEIDA, 2019, p. 15-16) é uma das formas de nós, enquanto educadores, invertermos essa lógica e proporcionarmos um olhar e uma formação mais humana e crítica ao alunado, afinal, “a mudança da sociedade não se faz apenas com denúncias ou com o repúdio moral do racismo: depende, antes de tudo, da tomada de posturas e da adoção de práticas antirracistas”. (RIBEIRO, 2019, p. 13).

Tendo em vista a urgência dessa discussão, pode-se perceber melhor agora a motivação para se trabalhar com este tema e com o gênero Artigo de Opinião. Fiorin (2011, p. 61) postula que “o propósito comunicativo do locutor leva, antes de mais nada, à seleção de um gênero, cuja escolha é determinada pela especificidade de uma dada esfera da troca verbal, pelas necessidades de uma temática, pelas relações entre os parceiros da comunicação, etc.”. É preciso que nós, educadores, responsabilizemo-nos não somente pela temática, mas também por sua disseminação e pelo endossamento de práticas que possam levar à reflexão e ação, visando a prática cidadã. No caso, nosso intuito é que a reflexão e ação sejam suscitadas e vivenciadas em cada módulo desta Sequência Didática.

Dessa maneira, no próximo capítulo, trataremos da organização modular e análise da Sequência Didática e de recomendações aos docentes para que ela seja aplicada.

---

<sup>21</sup> O antirracismo, pauta trabalhada por Djamila Ribeiro em “Pequeno manual antirracista”, de 2019, é uma atitude que envolve além do reconhecimento de privilégios por parte da branquitude; envolve, também, a responsabilização, que por consequência leva à ação. Nas palavras da autora, “se o primeiro passo é desnaturalizar o olhar condicionado pelo racismo, o segundo é criar espaços, sobretudo em lugares que pessoas negras não costumam acessar.” Tal lógica estará presente na SD e nas discussões que serão feitas com os alunos por meio de gêneros em diferentes suportes.

## CAPÍTULO 3 – SEQUÊNCIA DIDÁTICA

### 3.1 Contextualização inicial

Conforme mencionado no capítulo anterior, a Sequência Didática serve a um propósito muito importante, que é o de fornecer ao aluno a condição de este compreender mais a fundo as práticas sociais relacionadas ao ato da comunicação, como adequação ao suporte, ao gênero e à situação comunicacional. No nosso caso, acrescentamos um propósito, que é o de situar este aluno frente a um tema polêmico sem ser apenas por um viés apostilado e mercadológico.

Estes objetivos têm como precedentes algumas noções, tais como o ensino da oralidade e escrita em um encaminhamento único e em determinado tempo, com a exposição de dimensões textuais das modalidades oral e escrita, oferecendo ao estudante amplo material de referência, como textos de diferentes gêneros e suportes, no formato modular, para que esse aprendizado tenha consistência, ritmo e favoreça o diálogo e projetos em classe (DOLZ, SCHNEWLY e NOVERRAZ, 2004).

Tendo em vista esses pressupostos, a Sequência Didática contida nesta pesquisa está organizada em dois módulos, nos quais serão trabalhadas, desde a mais básica até a mais complexa habilidade da Taxonomia de Bloom, e de modo a oferecer um suporte não somente ao aprendizado do aluno, mas também, direcionamentos possíveis (mas não únicos) de utilização deste material pelo professor.

Nossa proposta foi incluir dois módulos porque eles parecem atender significativamente os critérios e objetivos supracitados neste trabalho, tendo em vista o contexto de aplicação: uma escola conteudista, na qual o tempo é uma variável importante e que deve ser bem planejada, tendo em vista o cronograma extenso a ser cumprido. Todavia, o educador que se propor a utilizar o material tem a liberdade de desenvolver mais a SD, seja acrescentando módulos, seja ampliando alguma atividade já proposta, levando em consideração o seu contexto de atuação: necessidades referentes ao tempo e alunado.

Antes de seguirmos para a sistematização da SD, relembremo-nos da competência a ser trabalhada:

**(EF89LP10)** Planejar artigos de opinião, tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. –, a partir da escolha do tema ou questão a ser discutido(a), da relevância para a turma, escola ou comunidade, do levantamento de dados e informações sobre a questão, de argumentos relacionados a diferentes posicionamentos

em jogo, da definição – o que pode envolver consultas a fontes diversas, entrevistas com especialistas, análise de textos, organização esquemática das informações e argumentos – dos (tipos de) argumentos e estratégias que pretende utilizar para convencer os leitores.

### 3.2 Exposição da organização modular da Sequência Didática

Em cada módulo haverá a exploração de 3 habilidades da Taxonomia de Bloom, de forma que no Módulo 1 enfocaremos as três mais básicas: **identificar, interpretar e construir** – verbos equivalentes, respectivamente, a *reconhecer, entender e aplicar*. Assim, os objetivos de aprendizagem a serem performados pelos alunos neste primeiro módulo são:

- **Reconhecer** a temática proposta sobre a questão racial e antirracista, bem como o gênero Artigo de Opinião, por meio de teoria básica a respeito;
- **Entender: i)** a temática do racismo e do antirracismo por meio de textos em veiculados em gêneros distintos e perguntas sobre esses textos, que medirão diferentes níveis de compreensão; **ii)** Características básicas e diferenciais do gênero Artigo de Opinião;
- **Aplicar** seus conhecimentos prévios (aprendidos antes da SD) e os adquiridos no Módulo 1 do material na construção de um texto argumentativo, que ser configurará como a primeira produção da SD, tendo como base as discussões e interpretações de texto, bem como a exposição da estrutura de gênero, feitas até este momento.

No módulo 2, a proposta é que, feita a primeira produção textual, possamos aprofundar um pouco mais a discussão sobre o tema racismo e introduzir a do antirracismo, bem como ampliar a visão e conhecimento acerca do gênero textual em questão. A finalidade é que, com essa bagagem, o aluno já consiga ter um pouco mais de autonomia a fim de se preparar para a segunda produção textual, que se constituirá como reescrita da primeira produção, feita no Módulo 1. Portanto, neste módulo, o intuito é trabalhar com as outras três habilidades mais complexas da Taxonomia de Bloom: **organizar, criticar e criar** – equivalentes aos verbos *analisar, avaliar e produzir*:

- **Analisar**, mais a fundo, o gênero textual Artigo de Opinião, por meio da correção feita, pelo docente, da primeira produção textual – reler a proposta, verificar o entendimento da correção, etc;
- **Avaliar**, a partir da análise empreendida, a primeira produção feita, por meio de critérios disponibilizados pelo material, a fim de detectar o que deve ser aprimorado para a produção final e
- **Produzir**, ao final, um Artigo de Opinião.

### 3.3 Sugestões de uso da Sequência Didática – Manual do Professor

É preciso evidenciar que a pretensão desta SD, frente ao contexto de aplicação para o qual ela foi pensada e tendo em vista a própria questão do aprofundamento crítico dos alunos, não foi ensinar absolutamente tudo o que fosse possível em relação ao gênero textual e ao tema. Tal aperfeiçoamento ao qual nos referimos se relaciona ao fato de o aluno entrar em contato com o gênero textual sem ser por um mero resumo e tendo contato com várias fontes de informação distintas para compor seu ponto de vista. Do mesmo modo, aprofundar-se, no seu processo de ensino-aprendizagem, em atividades que não enfoquem **apenas** localizar informações e repeti-las em exercícios.

Os professores poderão, ao terem contato com o material, observar que ele se inicia com uma Carta ao Docente, a qual expõe a concepção do material, os objetivos pretendidos e explica a competência da BNCC escolhida para nortear o estudo da SD. Na sequência, são expostas as habilidades a serem desenvolvidas em cada módulo. Também consta uma Carta ao Estudante, com o intuito de situá-lo frente ao conhecimento que será adquirido. Antes de adentrar propriamente ao conteúdo, também foi organizado um sumário para facilitar a navegação no material.

Após a leitura desse conteúdo inicial, por parte do professor, sugere-se que a partir do sumário a SD seja sondada, por meio de leitura rápida, para maior apreensão de sua organização a fim de explicá-la aos alunos. Ao apresentar o material para a sala, é importante que o docente sistematize os objetivos a serem alcançados, como desenvolver a competência de escrever um texto de opinião e discutir temas polêmicos e necessários, como o racismo. Os alunos poderão acompanhar como estão se desenvolvendo pela própria condução que propomos na SD, que retoma o conteúdo já visto para continuar

com um novo objeto de ensino-aprendizado e, ao final de cada módulo, resume o conteúdo abordado.

Nesse primeiro momento de apresentação aos alunos do material, talvez seja interessante construir uma lousa ou um *Jamboard*<sup>22</sup>, a depender dos suportes disponíveis, para que a visão geral do conteúdo fique clara. Também se sugere que, neste quadro, perguntas de sondagem de conhecimento prévio sejam feitas para engajar a sala:

- Você já discutiu sobre racismo alguma vez com alguém?
- Sabe do que se trata o gênero Artigo de Opinião?
- Por que pode ser importante aprender, em conjunto, a estrutura de um Artigo de Opinião com um tema como o racismo?
- O que provavelmente deve ter em um Artigo de Opinião? Como ele possivelmente pode se organizar?

Além disso, pode ser de grande valia projetar na sala de aula sites, blogs e outros suportes que apresentem o Artigo de Opinião, para que eles já tenham contato com indícios de sua estrutura, bem como com os locais de circulação desse tipo de texto. Na impossibilidade de haver recursos tecnológicos digitais para tal, leve revistas e jornais que possuam seções nas quais os articulistas trazem pontos polêmicos para discussão.

Os subtópicos a seguir trarão de explanar a constituição mais específica de cada módulo e algumas possíveis diretrizes de exploração do conteúdo da SD.

### 3.3.1 Módulo 1 – Sondando conhecimentos prévios e entendendo o gênero

No módulo 1, intitulado “**Sondando conhecimentos prévios e entendendo o gênero**”, serão mobilizadas atividades que enfocarão as três habilidades mais básicas da Taxonomia de Bloom: **reconhecer**, **entender** e **aplicar**.

Para iniciar os trabalhos, propusemos uma seção intitulada “**Vamos conversar?**”, que tem como função mobilizar um pouco mais dos conhecimentos prévios dos alunos e lhes contextualizar a respeito do tema racismo no contexto brasileiro. Nesta etapa, já suscitamos as habilidades de **reconhecer** e **entender** o tema.

---

<sup>22</sup> Quadro digital interativo da Google que permite interação on-line, ou seja, os próprios alunos podem escrever nele e interagir com o proposto pelo professor.

Na sequência, a seção “**Interpretar!**” traz um poema de Solano Trindade, “Sou Negro”, que explora os sentidos do que é “ser negro”: ter em si as raízes do que aconteceu a esse povo. Algumas perguntas de interpretação são feitas e que podem ter a mediação do professor, caso necessário. Continua-se, dessa forma, o processo das habilidades anteriormente citadas, sobre reconhecer e entender (interpretar).

O bloco “**Emitir opinião: o que é isso?**” pontua um pouco de teoria inicial sobre argumentação e sobre como ela pode ser construída pelos indivíduos. Acreditamos que nessa parte pode ser feita uma leitura coletiva em sala de aula, para que o professor vá explicando o conteúdo parágrafo por parágrafo. A fim de evidenciar na prática a questão da argumentação, foram selecionados dois textos que tratam sobre racismo, mas por pontos de vista diferentes. Enquanto o primeiro, que é um Artigo de Opinião, intitulado “O Brasil hipócrita: a questão do racismo” aborda o fato de sermos uma nação racista e não reconhecermos essa questão, o segundo, uma resenha, tece apontamentos positivos à obra “Não somos racistas”, do jornalista Ali Kamel. Aqui, procuramos suscitar as habilidades de **reconhecer** e **entender** o gênero textual.

Selecionei dois textos de pontos de vista diferentes e de gêneros diferentes para que fosse possível ao aluno perceber: **i)** que a esfera argumentativa não se restringe apenas ao Artigo de Opinião, mas perpassa também uma resenha; **ii)** que opiniões distintas podem ser expostas, desde que sigam uma abordagem coerente, embasada e respeitem os direitos humanos. Nesse momento, o professor pode aproveitar para demonstrar que a escolha de um gênero ou outro para expressar uma opinião vai variar em função do contexto, do interlocutor e da intencionalidade que se tem ao escrever sobre um ponto de vista. Acreditamos que a diferenciação entre gêneros textuais feita pelo material pode ser um processo interessante para a construção, por parte do aluno, do que é um Artigo de Opinião. Para auxiliar ainda mais nesta tarefa, propomos dois exercícios, em que um é interpretativo a fim de identificar o ponto de vista veiculado pelos textos e o outro busca averiguar se a finalidade desses textos foi compreendida.

A seção que vem em seguida, “**Momento de refletir**”, propõe um trabalho com a oralidade, em trios, visto que socializar as impressões com referência ao gênero textual pode auxiliar a compreensão do que possivelmente ele pode ter ou não como características. Nesse ponto temos a construção do aluno ativo, que consegue, por meio da mediação do material e do professor, refletir sobre o objeto de ensino-aprendizagem e expor suas considerações.

Para complementar essa abordagem, propus a seção “**Teorizando**”, na qual retomo o tópico da argumentação e faço uma análise do Artigo de Opinião exposto anteriormente na seção “**Emitir opinião: o que é isso?**”. Tal análise marca as partes do texto – introdução, desenvolvimento e conclusão – e como identificar os demais itens, a saber: abordagem do ponto de vista, argumentação, exposição de dados ou acontecimentos, para que os alunos possam sistematizar os conhecimentos discutidos e adquiridos em relação ao gênero para, assim, partirem para a primeira produção textual.

Nesta primeira produção, explicada no tópico “**Vamos produzir?**”, optei por criar um enunciado vinculado a um Infográfico, cujo tema é o racismo estrutural. Nesse momento, a terceira habilidade mais simples na hierarquia da Taxonomia de Bloom, **aplicar** o conhecimento, deve ser executada, posto que por meio da escrita essa aplicação do que foi visto e discutido será realizada. Vejamos a proposta de produção textual:

Imagine que você é um leitor assíduo do principal jornal da sua cidade e se depara com o infográfico da página a seguir, que trata do racismo estrutural no Brasil. Ao lê-lo, você fica alarmado com os dados expostos e decide submeter um **Artigo de Opinião** para uma seção do jornal que reúne textos opinativos de cidadãos comuns. O seu texto deverá expor um ponto de vista a respeito do seguinte: **Como o racismo estrutural prejudica a sociedade?** Para isso, além de considerar o conhecimento adquirido neste módulo, você deve:

- a) Explicar o que pode ser entendido do conceito de racismo estrutural;
- b) Organizar dois argumentos a respeito dos efeitos do racismo estrutural na sociedade;
- c) Retomar as ideias expostas e propor UMA solução **OU** UMA breve reflexão sobre o tratado no texto.

A partir do exposto, busquei mobilizar na proposta uma máscara, de cidadão comum, que ao ler o Infográfico sentiu-se espantado com os dados a respeito do racismo estrutural e decide escrever a respeito do tema para o jornal. Assim, tal atividade buscou refletir um evento que poderia facilmente acontecer no mundo real. Essa premissa é importante porque a escrita na escola não é – ou não deveria ser – dissociada das necessidades sociais. Da mesma forma, tentei mobilizar certa processualidade nas tarefas **a**, **b** e **c**, a exemplo do que ocorre com as habilidades da Taxonomia de Bloom. Em primeiro plano, o aluno tem de *entender* o que é racismo estrutural para depois *explicar* o que é esse conceito em seu Artigo. Na sequência, deve *organizar* sua argumentação e, por fim, ser capaz de retomar essas ideias e *produzir* algo novo, ou seja, propor uma

solução ou reflexão a respeito do que foi tratado no texto.

Nessa parte da proposta, o professor deve deixar claro aos alunos que quando se trata de um recorte temático feito por meio de uma pergunta – **Como o racismo estrutural prejudica a sociedade?** –, esta deve ser respondida ao longo do texto por meio dos argumentos.

Para finalizar o módulo e a primeira produção, propus uma *checklist* na qual o aluno pode se apoiar para revisar o seu texto, processo importante para assegurar que os requisitos básicos do gênero foram cumpridos. Depois, o box “**Sistematizando**” reúne as habilidades a terem sido desenvolvidas ao longo do estudo do módulo.

### 3.3.2 Módulo 2 – Solidificando os conhecimentos

No módulo 2, intitulado “**Solidificando os conhecimentos**”, serão mobilizadas atividades que enfocarão as três habilidades mais complexas da Taxonomia de Bloom: **analisar, avaliar e produzir**.

Antes de partirmos propriamente para a análise, seguimos um pouco da lógica do módulo anterior para introduzir o conceito de antirracismo. Para tanto, iniciamos com a seção “**Vamos conversar?**”, a qual teve por finalidade suscitar novamente o conhecimento prévio dos alunos, agora a respeito do antirracismo, e trazer definições sobre o tema a fim de prosseguirmos para a interpretação de texto inicial do módulo 2.

A seção “**Interpretar!**” traz um artigo de opinião do doutor em Direito, Irapuã Santana, no qual ele trata sobre a questão antirracista no âmbito político e também sobre o fato de que não se pode cobrar que todas as pessoas negras tenham o mesmo posicionamento sobre as mesmas questões. Para melhor compreensão do texto, propus algumas questões a respeito do conteúdo tratado que fossem além da simples identificação de informações no texto.

Com a intenção de aprofundar um pouco mais o gênero Artigo de Opinião, propus a seção “**Artigo de Opinião e os Articuladores Textuais**”. Como mencionado anteriormente, a nossa intenção ao elaborar a SD não era esgotar todos os tópicos relacionados ao tema e ao gênero textual, tanto pela questão do tempo diante do contexto educacional em questão, quanto pelo próprio fato de que é inviável ter a pretensão de ensinar tudo sobre determinado gênero e tema. Entretanto, como os alunos já terão feito a primeira produção e a questão da coesão costuma ser um ponto linguístico que, por

vezes, costuma ser difícil para os alunos, o tópico dos articuladores textuais demonstrará uma forma de fazer a manutenção coesiva do que for sendo abordado no texto por meio de pronomes.

Para esse conhecimento ficar articulado, colocamos como exemplo o texto da seção “**Interpretar!**” do módulo 2 para servir de exemplo na demonstração do uso de pronomes como articuladores textuais. Nessa parte, o docente deve explicar, conforme consta na SD, que essa é apenas uma das formas de fazer a manutenção coesiva.

Para solidificar ainda mais os conhecimentos relativos ao gênero textual, o tópico “**Aplicando o assunto**” está dividido em duas partes. A primeira propõe a atividade de, em duplas, os estudantes revisarem a correção feita pelo professor do artigo de opinião elaborado no módulo 1. A ideia é que, novamente, o trabalho com a oralidade seja realizado com o intuito de fazer os alunos se voltarem para o próprio texto e perceberem, juntos, o que pode ser aprimorado, aplicando e analisando o texto próprio com base no que foi estudado até então. Essa etapa busca já prepará-los para o processo de identificação e revisão do texto, o que, certamente, é um caminho para a maior autonomia do aluno. Na segunda etapa, são enumeradas características possíveis de um artigo de opinião, a saber:

- 1) Título
- 2) Contextualização do tema
- 3) Apresentação de dados, histórico, acontecimentos
- 4) Posicionamento a ser defendido
- 5) Argumentação
- 6) Retomada de ideias e/ou posicionamentos
- 7) Palavras que sugerem conexão entre as partes do texto
- 8) Conclusão

Levando essa numeração em consideração, o aluno deve ler o texto que vem na sequência e numerar os parágrafos ou trechos deste texto conforme o que ele percebe o que contém em determinada parte. Vejamos um trecho:

### Racismo e democracia 1

*Não avançaremos enquanto preferirem buscar essa conciliação impossível* 4

Peço ao leitor que imagine que está diante de uma reportagem cujo título é: “Jovem testemunha roubo de moto, mas é preso e condenado pelo crime”. A julgar pelo título, a reportagem traz uma reviravolta. 2

Na primeira oração, o jovem tem o status de testemunha; na segunda, ele é o autor do delito; e, de modo célere, na terceira já foi preso e condenado. 2 e 3

FIGURA 5: TRECHO DE EXERCÍCIO RETIRADO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Na sequência dessa análise, o estudante deve **justificar** o porquê, em um parágrafo, escolheu determinados números para determinados parágrafos e depois ele é convidado a socializar com a turma os números colocados e comparar: todos atribuíram os mesmos números?

Depois dessa atividade, temos a seção “**Teorizando**”, que neste segundo módulo evidencia, apenas, que quando se trata do Artigo de Opinião, temos elementos como título, conclusão, argumentos, que são comuns a todos os artigos de opinião produzidos. Porém, indo na contramão de passar para o aluno um ensino formatado de texto, que segue modelos prontos e que não reflete a realidade de circulação desse tipo de texto, evidenciamos que quando se trata deste gênero, não necessariamente os itens tem uma ordem fixa. A título de exemplo, alguns artigos de opinião podem trazer o posicionamento já no subtítulo ou podem desenvolvê-lo somente no segundo parágrafo.

Na finalização do módulo, propus novamente a seção “**Vamos produzir?**” para o aluno poder **produzir** a reescrita da produção inicial. A fim de auxiliar o aluno na sistematização final do gênero e do tema, foi construída uma outra *checklist* para consulta, agora levando em consideração três critérios: **a)** estrutura sintática | linguagem utilizada; **b)** estrutura do gênero textual; **c)** abordagem do tema. Esses critérios poderiam ser avaliados pelo aluno da seguinte forma: *refazer*, *pode melhorar* ou *está satisfatório*. Observemos um trecho da *checklist*:

CRITÉRIO 1 - ESTRUTURA SINTÁTICA   LINGUAGEM UTILIZADA			
	Refazer	Pode melhorar	Está satisfatório
Seguiu a norma padrão?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ainda há problemas de estrutura sintática?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Há uso de articuladores textuais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**FIGURA 6:** TRECHO DA *CHECKLIST* DE AVALIAÇÃO PARA REESCRITA

Por fim, terminada a avaliação com base na *checklist*, os alunos são motivados a socializarem o texto. O professor deve, então, previamente, criar um blog para que seus estudantes divulguem os textos escritos e pode, inclusive, propor uma atividade de avaliação em que toda a sala escreva comentários concordando ou discordando do que os colegas apontaram em seus textos. Novamente, ao final do módulo, elencamos as principais habilidades a terem sido desenvolvidas no decorrer do módulo na seção “**Sistematizando**”, de forma que os alunos possam avaliar se atingiram o que foi pedido.

## CAPÍTULO 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, a partir do entendimento do meu contexto de atuação docente, busquei refletir sobre o processo de construção de uma Sequência Didática e fiz a produção de uma, tendo em vista uma importante necessidade social que é a discussão de um elemento estruturante da realidade brasileira: o racismo.

Para isso, expus a conjuntura de trabalho a qual estou exposta e a necessidade de materiais didáticos que propusessem um olhar mais detalhado para o gênero textual Artigo de Opinião e para o tema tratado. No caso do assunto escolhido, o aprofundamento se deu ao tratarmos do problema do racismo junto à perspectiva antirracista e por meio de gêneros distintos, com contextos de circulação diferentes, que foram o poema, a resenha, o infográfico e o próprio Artigo de Opinião. Tal condução foi importante para evidenciar ao alunado que: i) já se sabe que não basta a consciência a respeito do racismo; é preciso enfrentá-lo por meio de posturas que desnaturalizem o preconceito e a discriminação racial; ii) a argumentação não se restringe apenas ao Artigo de Opinião, entretanto, é imprescindível levar em consideração o contexto de produção para selecionar qual o gênero textual mais adequado a ser utilizado na atividade comunicativa/argumentativa.

Pelo fato de as Sequências Didáticas se constituírem como um material frequentemente elaborado, com diversos fins, em disciplinas da licenciatura ou pós-graduação ou mesmo como mote de um trabalho de conclusão de curso – como é o caso desta pesquisa –, centramos nossa busca em propor um processo de ensino-aprendizagem com uma característica que é a sistematização de uma competência, desenvolvendo as habilidades mais básicas até as mais complexas relacionadas a essa mesma competência. Por esse motivo, tal opção se amparou na Taxonomia de Bloom, processo que enfoca justamente essa processualidade e aquisição gradual de saberes.

Desse modo, acredito que o trabalho atingiu os seus objetivos propostos: o de promover um material que expõe tanto o conteúdo do tema quanto a estruturação do gênero textual de forma gradual, levando em conta os conhecimentos prévios dos alunos. Além disso, era esperado que na concepção da SD houvesse um trabalho aprofundado com tema e gênero, para além de uma breve página em um livro didático. Entretanto, como mencionado no início desta pesquisa, a aplicação dessa SD se dará em outro momento em função da pandemia de COVID-19, e por eu estar em uma realidade de

ensino híbrido, na qual julgo não ser de igual qualidade o acompanhamento dos alunos que estão em sala e dos que estão em casa simultaneamente. Da mesma forma, algumas atividades de discussão, propostas ao longo do material, também ficam inviabilizadas pois pressupõem troca e interação entre pares, trios e a sala toda.

Sendo assim, o nosso intuito é que ao ser utilizado na prática, possamos produzir trabalhos futuros relativos ao material, que tratem sobre a dinâmica a ter sido estabelecida em sua aplicação, no formato de relato de experiência. Outro ponto é que esses trabalhos futuros também poderão, a partir de quando esta experiência de aplicação ocorrer, suscitar mais reflexões a respeito do contexto educacional: como se ensina e por quê se ensina, o que, da mesma forma, poderá ser objeto de reflexão para compor pesquisas futuras.

Dessa forma, espero ter contribuído para a área de ensino de leitura e produção de texto na medida em que apresento uma SD temática e articulada a um currículo nacional e a um processo gradual de saberes. Penso que tal dinâmica pode auxiliar outros professores, que estejam em um contexto semelhante ao meu, de insatisfação com os materiais usados, a mobilizarem em seus alunos a partilha do conhecimento prévio e adquirido por intermédio deste estudo. Nesse sentido, creio que teremos mais chances de formar alunos críticos, ativos e engajados socialmente.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2019.
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENTES, A. C. Oralidade, política e direitos humanos: por uma aula de língua portuguesa comprometida com o diálogo e a construção da cidadania. In: *Oralidade, leitura e escrita no ensino de Língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2010, v. 01. 1ª ed.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.
- BUNZEN, C. Da era da composição à era dos gêneros: o ensino de produção de texto no Ensino Médio. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Org.). In: *Português no Ensino Médio e Formação do Professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- CASSEB-GALVÃO, V. C.; DUARTE, M. C. *Artigo de Opinião: sequência didática funcionalista*. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.
- COSTA VAL, M. G. Texto, Textualidade e Textualização. In: *Cadernos de Formação – Língua Portuguesa*. São Paulo: UNESP, Pró-Reitoria de Graduação, 2004, p. 9-25.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B (Org.) *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2004.
- GONÇALVES, A. V.; FERRAZ, M. R. R. *Sequências didáticas como instrumento potencial da formação docente reflexiva*. *D.E.L.T.A.*, 32.1, 2016 (p. 119-141).
- FIORIN, J. L. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática, 2011.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- GERALDI, J. W. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2011.
- KOCH, I. G. V; ELIAS, V. M. *Escrever e argumentar*. São Paulo: Contexto, 2020.

OLIVEIRA, L. A. *Coisas que todo professor de português precisa saber. A teoria na prática*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PINTO, R. A. Métodos de ensino e aprendizagem sob a perspectiva da taxonomia de Bloom. In: *Revista Contexto & Educação*, 2016, 30(96), 126-155.

RIBEIRO, D. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SACRINI, M. *Leitura e Escrita de Textos Argumentativos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019.

SACRISTÁN, J. G (Org.). O que significa o currículo? In: *Saberes e incertezas sobre o currículo*. Trad. Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Penso, 2013.

## APÊNDICE

FALE  
FACULDADE  
DE LETRAS

UFMG  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MINAS GERAIS

*Contextualizando*  
Sequência Didática de Artigo de Opinião  
Leitura, Interpretação e Escrita

9º ANO

Elaborado por Isabella Colmanetti  
Abdalla  
Junho de 2021



## Carta ao Docente

Caros educadores,

Essa sequência didática (SD) tem enquanto escopo temas como a diversidade e a questão racial e se destina a alunos do nono ano do Ensino Fundamental II. Nosso principal objetivo é fazer com que vocês, juntamente com seus alunos, possam refletir sobre a diversidade e o racismo estrutural, de forma a compreenderem a dimensão deste tema tanto nos âmbitos cultural quanto no linguístico. Para que esta reflexão se concretize, consideramos de grande valia utilizar o gênero Artigo de Opinião, já que este permitirá ao aluno refletir sobre o assunto que será tratado em aula e, em outro momento, expor suas opiniões de forma crítica e coesa em um texto com argumentos organizados em relação ao tema proposto.

Neste momento, eles começarão a exercer o papel de cidadãos críticos que devem estar atentos aos problemas sociais de modo a refletir sobre eles. Além disso, as atividades propostas nessa sequência levam em consideração que os alunos podem refletir e opinar, em conjunto com o professor, possíveis soluções para os problemas apresentados. Assim, para maior engajamento da turma, recomendamos que todas as leituras sejam feitas e socializadas em sala de aula.

Para embasar essa SD, fizemos uso da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é um dos documentos oficiais que norteiam nosso ensino no Brasil. Dela, extraímos a seguinte competência:

(EF89LP10) **Planejar** artigos de opinião, tendo em vista as condições de produção do texto - objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. -, a partir da escolha do tema ou questão a ser discutido(a), da relevância para a turma, escola ou comunidade, do levantamento de dados e informações sobre a questão, de argumentos relacionados a diferentes posicionamentos em jogo, da definição - o que pode envolver consultas a fontes diversas, entrevistas com especialistas, análise de textos, organização esquemática das informações e argumentos - dos (tipos de) argumentos e estratégias que pretende utilizar para convencer os leitores.



## Carta ao Docente

A partir do exposto nesta competência, montamos o seguinte quadro de objetivos de aprendizagem e processos cognitivos a serem levados para a sala de aula por meio desta SD:

### MÓDULO 1

### Objetivos

- **Reconhecer** a temática proposta sobre a questão racial e o gênero Artigo de Opinião;
- **Interpretar** a temática do racismo e do antirracismo por meio de textos e perguntas sobre os textos, que medirão diferentes níveis de compreensão;
- **Apresentar** o gênero Artigo de Opinião sucintamente e
- **Executar** a escrita de um Artigo de Opinião, tendo como base as discussões e interpretações de texto, bem como a exposição da estrutura de gênero a serem feitas até o momento da produção.

**Processos cognitivos<sup>1</sup> mobilizados neste módulo: Identificar, Interpretar e Construir**

---

<sup>1</sup>Tais processos cognitivos mobilizados aqui referem-se aos níveis da Taxonomia de Bloom, que possui seis níveis fundamentais que vão desde as habilidades mais básicas - lembrar, entender e aplicar - até habilidades mais complexas - analisar, avaliar e criar. Nos quadros aqui intitulados como "Módulo 1" e "Módulo 2" procuramos elencar verbos equivalentes que tivessem, semanticamente, maior relação com as tarefas solicitadas. O uso destes verbos tal qual na Taxonomia de Bloom é amplamente feito na BNCC, quando esta elenca as competências a serem desenvolvidas nos alunos desde o Fundamental I.



## Carta ao Docente

### MÓDULO 2

## Objetivos

- **Analisar** a estrutura do gênero textual Artigo de Opinião, pontuando quais são as partes do texto e elencando os recursos linguísticos e temáticos utilizados;
- **Avaliar**, a partir destes novos conhecimentos, a primeira produção feita, por meio de critérios disponibilizados pelo material e
- **Produzir**, ao final, a segunda versão do Artigo de Opinião.

### Processos cognitivos mobilizados no módulo: Organizar, Criticar e Criar

Este trabalho entende a diversidade como um agrupamento de valores, crenças e diferenças existentes em diversos modos de vida. Com isso, é de suma importância que, como educadores, reflitamos sobre nosso papel na sociedade como produtores e agentes da transformação social. Convido você a pensar comigo, a dividir ideias e a contribuir para a valorização e disseminação da diversidade cultural e social existente.

*A autora*

---



## Carta ao Estudante

Caros alunos,

Muito tem se pensado, na nossa sociedade, sobre como determinados fatos podem impactar em maior ou menor medida a nossa vivência. Dito isso, sabemos que há muitos problemas sociais na realidade brasileira: a falta de acesso à educação de qualidade por todos, a saúde precarizada, o transporte ineficaz, a desigualdade e o racismo. Este último tema, em especial, ao mesmo tempo em que tem ganhado certa visibilidade devido a fatos que têm acontecido no mundo, como o movimento [#vidasnegrasimportam](#) (Black Lives Matter), também continua necessitando de atenção. Isso porque, mais importante do que reconhecer o racismo presente no cotidiano, é desenvolver uma postura antirracista, que preza pela não aceitação nem naturalização de qualquer forma de discriminação e preconceito contra pessoas negras.

Diante desse contexto, esta Sequência Didática tem como objetivo fazer com que você reconheça e entenda as causas de o racismo ser ainda tão presente no Brasil e passe a refletir sobre como identificá-lo – ainda que ele esteja, muitas vezes, implícito – e, com isso, não o reproduzir. Para tanto, você encontrará diversos textos de múltiplos gêneros, perguntas que visarão a reflexão e atividades de escrita que o farão compor um Artigo de Opinião. A ideia é fazer com que você aprenda bastante sobre o tema e assim, consiga escrever sobre ele de maneira coerente, coesa e persuasiva.

Além disso, o 9º ano é o momento em que você já está percebendo a si e ao mundo de maneira mais crítica. Desse modo, ao buscar entender um pouco mais determinadas questões, para além do senso comum, você estará mais preparado para pensar e argumentar melhor bem sobre como exercer sua cidadania, na busca pelos direitos humanos, por meio do uso da linguagem.

Espero que a proposta toda lhe renda bons estudos e aquisição de conhecimento!

Grande abraço,

*Professora Isabella Colmanetti Abdalla*



# SUMÁRIO

<b>MÓDULO 1</b> - Sondando conhecimentos prévios e entendendo o gênero.....	7
Vamos conversar?.....	8
Interpretar!.....	9
Emitir opinião: o que é isso?.....	11
Momento de refletir.....	17
Teorizando.....	17
Vamos produzir?.....	19
Sistematizando.....	21
<b>MÓDULO 2</b> - Solidificando os conhecimentos.....	22
Vamos conversar?.....	23
Interpretar!.....	24
Artigo de Opinião e os articuladores textuais.....	27
Aplicando o assunto.....	28
Teorizando.....	32
Vamos produzir?.....	32
Checklist para reescrita.....	33
Socializando o texto.....	34
Sistematizando.....	34

# MÓDULO 1

Sondando conhecimentos prévios e entendendo o gênero

**Caro aluno,**

Ao final deste módulo, **você deverá ser capaz de:**

- **Reconhecer** os principais problemas relacionados ao racismo no Brasil e a sua origem, bem como a estrutura do texto de opinião;
- **Interpretar** textos diversos, relacionados a este tema e
- **Construir** um texto argumentativo, no qual, com os conhecimentos adquiridos, você tratará sobre um ponto específico de modo a defender um ponto de vista

# Vamos conversar?



O racismo é um dos problemas estruturais **mais recorrentes** no contexto brasileiro. Nossa cultura e sociedade ainda têm muitos resquícios do período em que pessoas negras foram escravizadas e tiveram suas vidas e seus direitos perdidos.

- Você acredita que, na nossa sociedade, todos possuem os mesmos direitos garantidos?
- Já houve alguma vez que você presenciou alguma atitude ou evento discriminatório contra pessoas de etnias diferentes? Em caso afirmativo, compartilhe seu relato e sua visão sobre o ocorrido com a turma.

Professor, neste módulo é importante trabalhar com os alunos, em um primeiro plano, com seus conhecimentos prévios. Dê espaço para que eles exponham situações e relatos pessoais para que haja a criação de um ambiente confiável e propício à discussão, ao respeito e ao debate.

# Interpretar!

Leia o poema **Sou Negro**, de Solano Trindade, e procure entender o que ele relata:

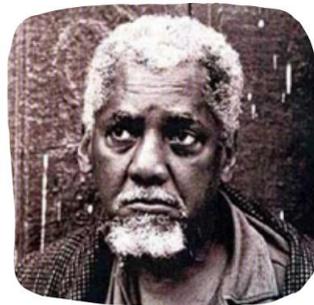
*Sou Negro  
 meus avós foram queimados  
 pelo sol da África  
 minh'alma recebeu o batismo dos tambores atabaques, gonguês e agogôs  
 Contaram-me que meus avós  
 vieram de Loanda  
 como mercadoria de baixo preço plantaram cana pro senhor do engenho novo  
 e fundaram o primeiro Maracatu.  
 Depois meu avô brigou como um danado nas terras de Zumbi  
 Era valente como quê  
 Na capoeira ou na faca  
 escreveu não leu  
 o pau comeu  
 Não foi um pai João  
 humilde e manso*

*Mesmo vovó não foi de brincadeira  
 Na guerra dos Malês  
 ela se destacou  
 Na minh'alma ficou  
 o samba  
 o batuque  
 o bamboleio  
 e o desejo de libertação...*

**TRINDADE, Solano. O poeta do povo. (Org. Raquel Trindade). São Paulo: Cantos e Prantos Editora, 1999. p. 48**

## O autor

**Francisco Solano Trindade** nasceu em 24 de julho de 1908 em Recife, Pernambuco. Teve parte de sua obra publicada em vida e outra parte postumamente. Lutou pela causa negra e pela difusão cultural no país ao fundar, em 1950, o Teatro Popular Brasileiro, que tinha como elenco para as peças teatrais domésticas, operários e estudantes. Ao final da vida, vai morar em São Paulo e lá falece em 1974, vítima de pneumonia.



## Curiosidade

A Guerra, ou **Revolta dos Malês**, foi um levante de resistência protagonizado por negros escravizados, que ocorreu na cidade de Salvador, na Bahia, em 1835.

1) Qual o tema central do poema lido? Quais elementos fazem com que você perceba este tema?

É esperado que o aluno mencione que o poema trata sobre a história das pessoas negras no Brasil e perceba que essas pessoas vieram para o país forçadas com o fim de serem escravizadas. O aluno pode, para compor sua resposta, citar elementos como o fato de avós do eu-lírico terem vindo de um país africano como mercadoria, o evento mencionado sobre o avô brigar nas terras de Zumbi (dos Palmares) e a avó ter participado da Guerra dos Malês.

2) O que você entende ao ler o seguinte trecho: “minh'alma recebeu o batismo dos tambores atabaques, gonguês e agogôs”? Caso não saiba o significado de algumas palavras, pesquise para melhor responder ao exercício.

O trecho em destaque pretende significar que culturalmente e como herança, o eu-lírico possui em sua alma características de seus antepassados. Ao pesquisar, o aluno se dará conta que tambores atabaques, gonguês e agogôs são instrumentos de percussão de origem afro-brasileira.

3) O autor finaliza o poema enunciando “Na minh'alma ficou / o samba / o batuque / o bamboleio / e o desejo de libertação...” Esse desejo de libertação sentido pelo eu-lírico se refere ao quê? Discuta com seu professor e com seus colegas e deixe um pequeno registro abaixo a respeito do que você pensou a partir dessa discussão.

O professor deve, aqui, mediar uma conversa sobre os possíveis significados dessa libertação atentando-se ao cotidiano de muitas pessoas negras no Brasil, que não são “livres” pois não possuem acesso igualitário a bens e serviços, condições dignas de vida e de tratamento. É importante problematizar e destacar, nesse sentido, como as pessoas pretas ainda são tratadas na sociedade e quais lugares elas costumam ocupar. Pergunte aos alunos como eles percebem essas questões relacionadas à representatividade. Tal discussão é essencial para desenvolver, aos poucos, a autonomia crítica do aluno e a preparação dele para a produção do artigo de opinião a respeito deste tema.

## Emitir opinião: o que é isso?

O poema de Solano de Trindade, que abriu o módulo desta Sequência Didática, trata de um tema bastante presente na sociedade, mas que, por vezes, é pouco discutido: **o racismo**. A fim de que a discussão a respeito deste assunto aconteça, é preciso que as pessoas pesquisem sobre a história, ou seja, sobre o que aconteceu no processo de construção do Brasil, para então entenderem o porquê essa questão ainda permanece como um problema frequente até os dias de hoje.

Ao pesquisar sobre um assunto e começar a entendê-lo, passamos a adquirir pontos de vista e, desse modo, conseguimos argumentar sobre o tema, o que é muito importante para a nossa vida em sociedade. Isso porque, no cotidiano, é preciso que nos posicionemos sobre vários assuntos o tempo todo: se queremos determinada refeição, se gostamos do presente ganhado, o porquê não concordamos com alguma ideia... Assim, **emitir opinião é demonstrar, por meio de argumentos, o que se pensa sobre determinado assunto**. Leia os textos a seguir e, em seguida, discuta com seus colegas e professor a respeito do assunto e do ponto de vista trazido por cada autor:

## TEXTO 1

### **O Brasil hipócrita: a questão do racismo**

*Aqui, o racista é sempre o outro. Pesquisas apontam que 97% dos entrevistados afirmam não ter qualquer preconceito de cor*

Que o Brasil é um país racista não necessitamos de muito esforço para comprová-lo: basta olharmos à nossa volta para constatar a ausência quase completa de negros inseridos no âmbito da classe média. Embora representem, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), metade do total da população, dificilmente nos deparamos com médicos, engenheiros, professores, advogados, jornalistas, escritores, oficiais militares ou políticos negros. A renda média mensal dos negros, mesmo registrando um significativo crescimento ao longo das últimas décadas, ainda equivale a apenas 57,4% da dos brancos.

Mas, antes de tudo, os brasileiros somos hipócritas. Aqui, o racista é sempre o outro. Pesquisas apontam que 97% dos entrevistados afirmam não ter qualquer preconceito de cor, ao mesmo tempo em que admitem conhecer, na mesma proporção, alguém próximo (parente, namorado, amigo, colega de trabalho) que demonstra atitudes discriminatórias. É o chamado “racismo à brasileira” – fruto dileto da cínica e equívoca “democracia racial”, conceito que vem justificando, ao longo da história, a manutenção de um dissimulado apartheid, que segrega a população não-branca à base da pirâmide social.

O desdobramento do caso da torcedora do Grêmio, Patrícia Moreira, flagrada gritando ofensas contra o goleiro do Santos, Aranha, torna-se bastante sintomático da maneira como lidamos com a questão do racismo. Aranha registrou queixa na delegacia de polícia e o time gaúcho foi excluído da Copa do Brasil. Em entrevista coletiva, Patrícia pediu desculpas a Aranha e afirmou que não é racista: “Aquela palavra macaco não foi racismo da minha parte. Foi no calor do jogo, o Grêmio estava perdendo”. Outro torcedor, Rodrigo Rychter, que negou ter injuriado Aranha, contra-atacou dizendo que os torcedores somente reagiram às provocações do goleiro.

Tanto um quanto outro argumento esbarram em um empecilho de difícil transposição. Chamar alguém de macaco pelo fato de ser negro é racismo, e portanto não interessa em que contexto a agressão é proferida, se num estádio de futebol, num escritório de contabilidade ou num posto de gasolina. Assim como reagir a uma provocação usando termos ofensivos à cor da pele não se justifica, nem no campo desportivo nem numa discussão de trânsito. O preconceito racial molda o imaginário brasileiro e é crime que não permite atenuantes.

Lá mesmo em Porto Alegre, uma semana antes das ofensas contra o goleiro Aranha, o escritor Jeferson Tenório aguardava uma carona, na calçada do edifício onde mora, no centro da cidade, para ir trabalhar. De repente, surgiu um carro da Brigada Militar e dele desceu um policial exigindo-lhe os documentos. Em contato por rádio com a central, relatou: "O suspeito é negro, natural do Rio de Janeiro, estatura mediana, casaco preto". Ao ser informado que o "suspeito" estava "limpo", o policial desculpou-se, dizendo que apenas cumpria seu trabalho: alguém do prédio em frente havia solicitado a abordagem. Jeferson foi considerado perigoso pelo vizinho por ser negro! Em seus 37 anos de existência, esta foi a 12ª vez que ele sofreu uma abordagem policial, duas delas com uma arma apontada para seu peito...

Não custa lembrar que o Brasil possui uma dívida irresgatável para com a população negra. Trazidos à força para trabalhar como escravos a partir da metade do século XVI, o aprisionamento de africanos da costa ocidental (Angola, Nigéria, Benin) e de Moçambique intensificou-se entre 1700 e 1822, mas não há um número preciso de quantos deles chegaram vivos - estimado, entretanto, em algo em torno de quatro milhões. Libertos em 1888, não por razões humanitárias, mas por motivações meramente econômicas (a mão de obra assalariada possuía um custo de manutenção mais baixo que a escrava), sem qualquer tipo de indenização ou tentativa de inclusão social, os negros foram abandonados à própria sorte. O resultado: 450 anos depois de começar a desembarcar nos portos brasileiros, a população negra permanece apartada das conquistas sociais.

Dados do censo de 2010 mostram que dos 16 milhões de brasileiros vivendo na extrema pobreza (renda de até 70 reais mensais), 11,5 milhões são pardos ou pretos, ou seja, 72% do total. Além disso, enquanto o analfabetismo entre os negros alcança 13,3%, entre os brancos reduz-se a 5,3%; a expectativa de vida para os brancos eleva-se a 73 anos, seis a mais que entre os negros; dos brasileiros brancos, 15% possuem nível universitário, enquanto, entre os negros, esse número se reduz a apenas 4,7%; a possibilidade de ser assassinado é mais que dobro entre os negros, 64%, que entre os brancos, 29% do total de homicídios.

No começo dos anos 1990, morava num edifício cujo espaço para estacionamento era tão pequeno, que convencionou-se que os residentes, assim que chegavam, entregavam a chave para o zelador que, com paciência, organizava os carros nas vagas. Certa feita, um novo morador de-

sembarcou e, vendo um negro de pé ao lado da guarita, sem titubear, entregou-lhe a chave do veículo. O rapaz, espantado, perguntou: O que o senhor está fazendo? E o homem, sem pestanejar, respondeu: É pra você colocar na garagem! O rapaz disse, então, irônico: Senhor, não sou empregado do condomínio. Sou seu vizinho do apartamento 304. Muito prazer!

Emblemático, o caso de racismo contra o goleiro Aranha serve para iluminar a ocorrência de um problema que, conquanto banal em cada rincão brasileiro, permanece, infelizmente, longe do palco dos debates nacionais. Aranha disse que desculpava a torcedora Patrícia Moreira, mas não retirava a queixa policial contra ela – o que pode vir a configurar crime de injúria racial. O escritor Jeferson Tenório, cujo romance de estreia, *O beijo na parede*, foi premiado como Livro do Ano de 2014 pela Associação Gaúcha de Escritores, aprendeu a se defender após inúmeras abordagens. Aranha, Jeferson, meu vizinho o engenheiro José Antonio Correia, esses têm nome e têm rosto – eles podem interceder pelos milhões de anônimos que todos os dias sofrem ataques os mais diversos, sob as mais diferentes justificativas, pelo simples fato de a cor de sua pele ser negra. E nós, o que temos feito para modificar essa situação?

RUFFATO, Luiz. O Brasil hipócrita: a questão do racismo. El País. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/16/opinion/1410894019\\_400615.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/16/opinion/1410894019_400615.html). Acesso em 15 mai 2021.

## TEXTO 2

### **Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor**

Por sugestão de um dos meus alunos do curso de Jornalismo, procedi à leitura do livro de Kamel, a fim de debater em sala de aula as implicações da política de cotas para negros no Brasil. Ao concluir a leitura, estava mais firme na minha posição contrária às cotas, mas revi a postura de não aceitar um dos dados no meu registro de nascimento: cor parda. Até então, ao assumir-me como negra, não considerava simplesmente a cor da minha pele, mas a minha ascendência africana e as limitações socioeconômicas em que sempre vivi. A negritude, portanto, funciona como exemplo de superação para alcançar o crescimento intelectual e, conseqüentemente, profissional. Para tanto, como

defende o autor, há que se promover o ensino de qualidade no país, em todos os níveis da educação, a todos os brasileiros, independente da cor da pele e da condição econômica.

A obra de Kamel, portanto, contribuiu para reiterar as minhas convicções a respeito das problemáticas levantadas, as quais consegui superar na trajetória de vida e de mundo. Em capítulos “coalhados de números”, o autor mostra, com clareza e de forma coerente, a importância de se interpretar os números. Demonstra com propriedade “como as estatísticas têm sido usadas de maneira enviesada, turvando um debate que devia ser cristalino: o nosso problema é a pobreza e não uma suposta desigualdade racial”.

Na seqüência de seus artigos publicados quinzenalmente no jornal O Globo, do Rio de Janeiro, a partir de 2003, Kamel aprofunda neste livro questões referentes à política de cotas raciais no Brasil, com base na premissa de que “raças não existem” e no país miscigenado há o “classismo”, ou seja, preconceito contra os pobres. Trata-se, portanto, da produção de um livro-reportagem, em que o autor tece o que está por materializar-se: “o sério risco de, em breve, ver no Brasil o que nunca houve, o ódio racial”.

Diretor executivo de jornalismo da Rede Globo e colunista do jornal O Globo, Kamel demonstra, na posição de autor deste livro, a possibilidade de ser “dono da voz e não a voz do dono”, o que nem sempre acontece entre os profissionais da Comunicação Social. No funcionamento discursivo de “Não somos racistas”, compreendi os diferentes sentidos de palavras que circulam na sociedade, especialmente na mídia, como sendo iguais. O autor deu-me também o prazer de confirmar o que defendo: a importância de se interpretar os números, pois eles significam, fazem parte do processo de constituição de sujeitos e de produção de sentidos. Como discurso, os números não transmitem apenas informação, constituem efeito de sentidos entre os dois pólos do processo de comunicação: enunciador e enunciatário.

O título da obra encaminha o leitor para a posição discursiva do autor: brasileiro indignado. A negação funciona como resposta aos que querem dividir o Brasil entre negros e brancos, como esclarece o subtítulo. A reação, distribuída nos treze capítulos da obra, permite compreender o que somos e como estamos em um país miscigenado, diante de políticas públicas equivocadas e da falta de foco na erradicação dos problemas sociais. [...]

Ao trilhar o caminho árido dos dados estatísticos, Kamel ameniza o percurso e aborda o ponto que considero fundamental em sua obra: a questão das cotas para acesso ao ensino superior. Concordo com o que

demonstra, por meio da comparação a partir dos números, “que não mentem, mas enganam quem não os quer ler sem preconceitos”. A questão não está na cor da pele para entrar na universidade, mas na péssima qualidade das escolas que os alunos freqüentam. Daí o repúdio às cotas raciais e sociais, “porque não é a condição de pobre (e negro) que impede os cidadãos de entrar na universidade, mas o péssimo ensino público brasileiro”.

Depois de analisar criticamente a falta de foco e de controle na política pública, a estratégia eleitoral nos programas assistencialistas do governo, Kamel revela o seu otimismo, acreditando em “solução”, em “caminho de volta”, desde que haja manifestação daqueles que, como ele, acreditam “que uma nação misturada, miscigenada, colorida, sem espaço para diferenças de ‘raça’ é ainda muito superior a uma nação multiétnica, mas que vive de nariz tampado”.

VITORIO, Benalva da Silva. **Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor**. Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/index.php/estudosdecomunicacao/article/view/14525>.

Acesso em 20 jun 2021. Adaptado.

**1)** Ambos os textos tratam sobre racismo no contexto brasileiro. Eles possuem o mesmo ponto de vista sobre o assunto? Justifique.

Não. Enquanto o primeiro trata de desmistificar o senso comum de que, para o brasileiro, apenas o outro é racista, o segundo texto, a partir de referência a um livro, defende que temos uma concepção equivocada do que é racismo e que, na verdade, ele não é responsável pelas muitas mazelas pelas quais as pessoas pretas passam.

**2)** Qual parece ser a finalidade, ou seja, o objetivo do Texto 1 e do Texto 2?

a) TEXTO 1: Informar o fato de o Brasil ainda ser um país racista | TEXTO 2: Informar sobre a existência de um livro chamado "Não somos racistas"

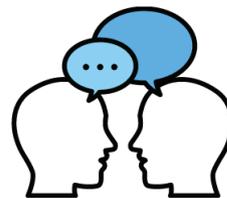
b) TEXTO 1: Discorrer a respeito da hipocrisia do brasileiro em relação ao fato de este não se reconhecer como racista | TEXTO 2: Traçar uma crítica positiva e de concordância em relação ao livro "Não somos racistas", o qual expõe que o brasileiro não é racista

c) TEXTO 1: Afirmar que o brasileiro é racista e não faz nada para mudar | TEXTO 2: Mencionar que o livro "Não somos racistas" é uma boa opção de leitura para os que concordam com ele

## Momento de refletir...

Em trios, discuta com seus colegas:

- a) Vocês sabem **o que é** um Artigo de Opinião?
- b) **Quem** costuma **escrever** esse tipo de texto?
- c) **Quem** provavelmente o **lê**?
- d) A partir do nome, o que podemos concluir a respeito do **objetivo** de escrever um Artigo de Opinião?
- e) Em quais **locais** provavelmente podemos encontrá-lo publicado?
- f) Você acredita que o Artigo de Opinião trata de **temas** específicos?
- g) Entre os textos 1 e 2, apenas um deles poderia ser classificado como um Artigo de Opinião? Por quê?



Agora, socializem suas respostas com a sala e com o professor e as comparem: o que foi parecido? O que foi diferente?

## Teorizando

Como já vimos anteriormente, **a argumentação está presente em nossas vidas de muitas formas**. Quando temos de discutir um assunto polêmico ou de interesse público, é importante lembrar que precisamos embasar nosso ponto de vista com argumentos consistentes, ou seja, por meio de ideias que estabeleçam entre si relações de causa e consequência, por exemplo, ou mesmo fazer uso de dados, gráficos e outros elementos pertinentes que contribuam para deixar coerente e coeso o que pretendemos demonstrar.

Assim, existem vários gêneros textuais que são usados para argumentar. Acabamos de ver e refletir sobre um exemplo de um Artigo de Opinião e de uma Resenha, respectivamente. Apesar de os dois argumentarem, eles servem a intenções distintas. Desse modo, para além de saber defender um ponto de vista, precisamos, na atividade argumentativa, entender a qual **contexto** estamos querendo atender: escrever a opinião sobre uma obra artística - livro, filme, peça de teatro, por exemplo, como é o caso do Texto 2 - ou tratar de um problema econômico, político ou social - Texto 1? **A depender do nosso objetivo comunicacional é que escolhemos o gênero textual a ser escrito.**

Agora você já sabe que o Texto 1, visto por você neste módulo, pode ser considerado um **Artigo de Opinião**. Sabemos disso porque pode-se perceber que ele possui as características deste gênero textual. Veja:

**INTRODUÇÃO**

**TEXTO 1**

**O Brasil hipócrita: a questão do racismo**

*Aqui, o racista é sempre o outro. Pesquisas apontam que 97% dos entrevistados afirmam não ter qualquer preconceito de cor*

Que o Brasil é um país racista não necessitamos de muito esforço para comprová-lo: basta olharmos à nossa volta para constatar a ausência quase completa de negros inseridos no âmbito da classe média. Embora representem, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), metade do total da população, dificilmente nos deparamos com médicos, engenheiros, professores, advogados, jornalistas, escritores, oficiais militares ou políticos negros. A renda média mensal dos negros, mesmo registrando um significativo crescimento ao longo das últimas décadas, ainda equivale a apenas 57,4% da dos brancos.

**DESENVOLVIMENTO**

Mas, antes de tudo, os brasileiros somos hipócritas. Aqui, o racista é sempre o outro. Pesquisas apontam que 97% dos entrevistados afirmam não ter qualquer preconceito de cor, ao mesmo tempo em que admitem conhecer, na mesma proporção, alguém próximo (parente, namorado, amigo, colega de trabalho) que demonstra atitudes discriminatórias. É o chamado “racismo à brasileira” – fruto dileto da cínica e equívoca “democracia racial”, conceito que vem justificando, ao longo da história, a manutenção de um dissimulado apartheid, que segrega a população não-branca à base da pirâmide social.

**CONCLUSÃO**

Emblemático, o caso de racismo contra o goleiro Aranha serve para iluminar a ocorrência de um problema que, conquanto banal em cada rincão brasileiro, permanece, infelizmente, longe do palco dos debates nacionais. Aranha disse que desculpava a torcedora Patrícia Moreira, mas não retirava a queixa policial contra ela – o que pode vir a configurar crime de injúria racial. O escritor Jeferson Tenório, cujo romance de estreia, *O beijo na parede*, foi premiado como Livro do Ano de 2014 pela Associação Gaúcha de Escritores, aprendeu a se defender após inúmeras abordagens. Aranha, Jeferson, meu vizinho o engenheiro José Antonio Correia, esses têm nome e têm rosto – eles podem interceder pelos milhões de anônimos que todos os dias sofrem ataques os mais diversos, sob as mais diferentes justificativas, pelo simples fato de a cor de sua pele ser negra. E nós, o que temos feito para modificar essa situação?

RUFFATO, Luiz. O Brasil hipócrita: a questão do racismo. El País. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/16/opinion/1410894019\\_400615.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/16/opinion/1410894019_400615.html). Acesso em 15 mai 2021.

**Olho (subtítulo) que pode conter a construção do ponto de vista em questão**

**Posicionamento claro desde o início do texto**

**Breve análise do autor**

**Título que antecipa a opinião do enunciador e sintetiza o tema a ser abordado**

**Informações contextualizadoras a respeito do assunto tratado**

**Estrutura de um argumento - Uso de dados, afirmações justificadas e introdução de conceitos**

**Retomada do ponto de vista já construído na introdução**

**Linguagem padrão ao longo de todo o texto**

**Retomada de alguns pontos e exemplos trazidos ao longo do texto como uma forma de fechamento**

**Uso de pergunta retórica como forma de fazer o leitor refletir**

Nos trechos selecionados acima optamos por não reproduzir o texto na íntegra porque o intuito, por enquanto, é que você perceba a macroestrutura do gênero, para que, no Módulo 2, possamos aprofundá-la. Essa macroestrutura pode ser dividida da seguinte forma:

**Introdução** - Tem a função de contextualizar o tema e introduzir o ponto de vista do articulista, ou seja, de quem escreve o texto.

**Desenvolvimento** - Reúne os argumentos em prol de um ponto de vista. Esses argumentos podem ter diversas estruturas, desde análises com bases em dados até mesmo uma pequena descrição de um fato histórico, por exemplo, para servir de fundamento para a defesa de uma ideia.

**Conclusão** - Como o próprio nome já mostra, retoma e conclui o raciocínio desenvolvido no texto. Pode trazer reflexões pontuais ou possíveis soluções para a questão tratada no texto.



## Note e anote

O **Artigo de Opinião** é um gênero textual no qual são expostos determinados pontos de vista a respeito de uma questão polêmica. O intuito é convencer o leitor da pertinência da tese veiculada.

## Vamos produzir?

Agora que você já leu e refletiu a respeito do racismo presente na sociedade brasileira e viu como funciona a estrutura do Artigo de Opinião, vamos para a nossa primeira produção textual.

Imagine que você é um leitor assíduo do principal jornal da sua cidade e se depara com o infográfico da página a seguir, que trata do racismo estrutural no Brasil. Ao lê-lo, você fica alarmado com os dados expostos e decide submeter um **Artigo de Opinião** para uma seção do jornal que reúne textos opinativos de cidadãos comuns.

19

Professor, é importante que se faça a leitura em conjunto com os alunos, explicando como eles devem proceder em relação às tarefas da proposta de redação, bem como em relação à leitura do Infográfico, a fim de que eles consigam extrair as informações postas por ele em forma de imagens e texto para o seu próprio artigo de opinião. Abra o site no qual está o Infográfico e o projeto para a sala a fim de facilitar a explicação e exposição do texto.



Governo do Estado de São Paulo. **Infográfico: Para entender o Racismo Estrutural.** Disponível em: <https://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/infografico-para-entender-o-racismo-estrutural/>. Acesso em 18 jun 2021.

O seu texto deverá expor um ponto de vista a respeito do seguinte: **Como o racismo estrutural prejudica a sociedade?** Para isso, além de considerar o conhecimento adquirido neste módulo, você deve:

- a) Explicar o que pode ser entendido do conceito de racismo estrutural;
- b) Organizar **dois** argumentos a respeito dos efeitos do racismo estrutural na sociedade;
- c) Retomar as ideias expostas e propor UMA solução **OU** UMA breve reflexão sobre o tratado no texto.

Após finalizar, verifique se você cumpriu os seguintes passos:

- Seu texto possui Introdução, que contextualiza o tema de forma suficiente?
- Há dois argumentos que se relacionam com a pergunta feita pela proposta?
- A conclusão retoma a argumentação e possui solução ou reflexão?
- A norma-padrão foi mobilizada ao longo de todo o texto?
- Sua visão sobre o tema está explícita e clara?
- Há título adequado, que antecipa o que será discutido no Artigo de Opinião?

## Sistematizando...

Neste módulo você aprendeu a:

- a) **Identificar** tanto a temática do racismo quanto o gênero Artigo de Opinião;
- b) **Entender** como funciona a questão racial no Brasil e a estrutura básica do gênero Artigo de Opinião;
- c) **Demonstrar** os conhecimentos desenvolvidos na escrita de um Artigo de Opinião.

# MÓDULO 2

## Solidificando os conhecimentos

**Caro aluno,**

Ao final deste módulo, **você deverá ser capaz de:**

- **Organizar** a estrutura do gênero textual Artigo de Opinião: contextos de circulação, suportes e recursos linguísticos;
- **Avaliar**, a partir destes novos conhecimentos, a primeira produção feita, no Módulo 1, por meio de critérios disponibilizados pelo material e
- **Produzir**, ao final, um Artigo de Opinião completo

# Vamos conversar?



Para combater o racismo na sociedade, vimos que ainda há muito trabalho a ser feito. Entretanto, mais do que procurar soluções externas, é preciso que nós mudemos a nossa postura, sendo antirracistas.

- Para você, o que é ser antirracista?
- Quais seriam as posturas comportamentais que uma pessoa antirracista teria?

Professor, a intenção deste módulo é aprofundar os conhecimentos temáticos e linguísticos prévios dos alunos e os adquiridos por meio desta SD. O foco temático por agora será o antirracismo. Da mesma maneira que no Módulo 1, busque abrir espaço para diálogo com a turma, por meio das perguntas acima e de outras que julgar relevantes, para que você possa debater com os estudantes a respeito da importância da postura antirracista.

# Interpretar!

Leia o artigo de opinião abaixo:

## **Antirracismo é luta de todos**

*Faço um chamado de união; não é uma guerra de negros contra brancos, mas sim uma batalha contra o atraso*

A pauta do racismo surge com cada vez mais força. Neste ano, o assassinato de George Floyd pode ser o início de uma grande revolução social.

Em 25 de agosto, o Tribunal Superior Eleitoral trouxe luz a uma outra faceta do racismo espalhado na nossa sociedade: aquele presente em cada partido político, de todos os espectros —direita, centro e esquerda.

Esse viés reconhecido é de suma importância para entendermos como funciona o nosso país. De um lado, há um discurso de que todos são iguais, mas na prática há um privilégio a certos indivíduos. De outro, reconhece-se o problema, mas não se toma a sua parcela de responsabilidade nele, o que inviabiliza a sua resolução.

Vários estudos analisados nesse julgamento histórico mostraram que as candidaturas negras vêm sofrendo com a desproporcionalidade de investimento à menor por seus respectivos partidos.

Isso quer dizer que o racismo é suprapartidário!

Se assim o é, devemos entender que a luta também deva ser. Não podemos nos fechar em nichos de correntes ideológicas quando, na verdade, a discriminação racial toca a todos, das mais variadas formas.

Um aspecto importante a ser lembrado é que formamos 56% de uma população que gira em torno de 210 milhões de brasileiros. É matematicamente impossível querer unidade de posicionamento político entre os mais de 118 milhões de negros existentes em todo o território nacional. Por isso é preciso fomentar sua participação em todos os espaços. Dividir a luta antirracista é enfraquecer uma causa comum, que nos une e que precisa ser combatida com todas as forças disponíveis.

Antes de sermos de centro, de esquerda ou de direita, nascemos negros, com uma série de condições que nos dilaceram e nos atrasam.

Aquilo que enfrentamos muito mais nos une do que nos separa. Todos queremos uma vida, uma sociedade, um Brasil e um mundo melhor. Os caminhos a serem percorridos, dentro da democracia, são todos válidos.

Daí o motivo pelo qual escrevo hoje: para fazer um chamado de união, lembrando também que não é uma guerra de negros contra brancos, mas sim uma batalha contra o atraso, contra o racismo.

Não peço empatia, pode ser por egoísmo mesmo: nem que seja para ter melhores condições de vida para si e para sua própria família. Afinal, que nação se torna desenvolvida deixando mais da metade de sua população para trás?

Há um longo caminho a ser percorrido, que será mais exitoso com a maior ajuda possível. Afinal, essa é uma luta de todos.

**Irapuã Santana**

Antirracismo é luta de todos. Folha de São Paulo, 01/09/2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/09/antirracismo-e-luta-de-todos.shtml>. Acesso em 21 jun 2021.

## O autor

**Irapuã Santana** é Doutor em Direito pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Também atua como advogado voluntário na EDUCAFRO, como colunista no jornal O Globo e é Procurador do Município de Mauá (RJ). No Instagram é @irapua.santana.



1) Quem é o autor do texto? Qual o seu papel social, tendo em vista sua profissão?

O autor do texto é Irapuã Santana, doutor em Direito pela UERJ, e que luta na frente antirracista. O

fato de ser da área do Direito faz com que seu papel social diga respeito à defesa dos direitos que devem ser garantidos às pessoas.

2) A quem este texto é direcionado?

- Leitores do Jornal Folha de São Paulo
- Pessoas interessadas em textos de profissionais do Direito
- Indivíduos que se interessem em questões polêmicas
- Pessoas que querem se manter atualizadas a respeito de vários temas

3) O texto foi escrito em 2020 e, por isso, o autor cita o caso George Floyd. Você sabe de quem se trata?

George Floyd foi um afro-americano, de 46 anos, assassinado em Minneapolis (EUA), em 2020, depois de ser estrangulado por um policial branco. Sua morte gerou mobilizações por todo o mundo e promoveu a hashtag #blacklivesmatter (#vidasnegrasimportam).

4) Além da questão do antirracismo, o que Irapuã critica em seu texto?

Irapuã pontua que a questão do racismo está presente também nos partidos políticos e que não se pode cobrar que todas as pessoas pretas tenham o mesmo posicionamento político; o importante é que a luta antirracista seja efetivada, independentemente de inclinação ideológico-partidária.

5) Você concorda com o autor? Por quê?

Resposta pessoal.

6) Agora leia o box abaixo, volte ao título do texto e reflita: por que o antirracismo deve ser uma luta de todos?

Porque desmistificar o racismo estrutural não deve ser uma tarefa só relacionada aos negros. As pessoas brancas devem falar sobre o assunto, reconhecer seus privilégios sociais, ouvir a respeito das opressões, bem como abrir espaços para que as pessoas pretas possam falar do seu ponto de vista.



## Note e anote

**Antirracismo** é uma postura que vai além de reconhecer privilégios; também mobiliza o chamado para a ação, ou seja, abrir espaço para que pessoas negras possam se expressar e, do mesmo modo, valorizar suas ações e pensamentos.

## Artigo de Opinião e os Articuladores Textuais

Você já reparou que para um texto fazer sentido precisamos deixar claro que uma parte se relaciona com a outra? Isso acontece tanto dentro dos parágrafos quanto entre os parágrafos. Veja só:

A pauta do racismo surge com cada vez mais força. Neste ano, o assassinato de George Floyd pode ser o início de uma grande revolução social.

Em 25 de agosto, o Tribunal Superior Eleitoral trouxe luz a **uma outra faceta do racismo** espalhado na nossa sociedade: aquele presente em cada partido político, de todos os espectros –direita, centro e esquerda.

**Esse viés** reconhecido é de suma importância para entendermos como funciona o nosso país. De um lado, há um discurso de que todos são iguais, mas na prática há um privilégio a certos indivíduos. De outro, reconhece-se o problema, mas não se toma a sua parcela de responsabilidade nele, o que inviabiliza a sua resolução.

Vários estudos analisados **nesse julgamento histórico** mostraram que as candidaturas negras vêm sofrendo com a desproporcionalidade de investimento à menor por seus respectivos partidos.

**Isso** quer dizer que o racismo é suprapartidário!

O exemplo acima, retirado do texto que você leu na seção **Interpretar!** deste módulo, utiliza esse recurso de conectar os parágrafos por meio de expressões que continuam ou retomam as ideias expressas. Analisemos:

No primeiro parágrafo, o autor menciona o caso de George Floyd para introduzir o texto e depois, no segundo parágrafo, para continuar no mesmo assunto (racismo), usa a expressão "uma **outra** faceta do racismo".

Para iniciar o terceiro parágrafo a expressão "**Esse** viés" é usado como forma de retomar a ideia já expressa, a de que há uma faceta do racismo presente em cada setor ideológico da sociedade.

No quarto parágrafo, por sua vez, o escritor opta por trazer no primeiro período a expressão "**nesse** julgamento histórico", referindo-se ao fato de que de um lado, impera o discurso "somos todos iguais" e por outro reconhece-se

o racismo, mas atitudes de responsabilização sobre o problema não são feitas.

No quinto parágrafo, vemos a expressão "**isso**", fazendo referência a todo o parágrafo anterior.

Observe que nas expressões destacadas no texto, temos, na análise acima, palavras dessas expressões em vermelho. São os **pronomes**, que no caso do Artigo de Opinião, podem ser usados como recursos coesivos, ou seja, como **articuladores textuais**.

Há muitas formas de se manter a coesão em um texto, porém, neste material, **enfocaremos apenas o uso de pronomes e expressões que vêm junto com eles (formadas por substantivos, adjetivos, advérbios)** para aprimoramos nosso Artigo de Opinião, feito no Módulo 1.

## Aplicando o assunto

### PARTE 1

Agora que você já viu como os pronomes exercendo a função de articuladores textuais funcionam, que tal analisarmos a correção feita pelo professor no seu artigo de opinião e observar esse detalhe? Escolha um colega para fazer uma dupla, de forma que você possa trocar ideias sobre o seu texto e o de seu colega. Para ajudá-los, vocês podem levar em consideração as seguintes perguntas abaixo. Mãos à obra!

- Será que todos os parágrafos estão relacionados entre si?
- Se não estão relacionados, como isso pode ser feito?
- Se estão relacionados, a estratégia usada foi usar pronomes? Se não, o que você usou para manter a coesão do seu texto?
- Você acha que precisa reformular a forma como a ligação entre as ideias do seu texto foram feitas?

## PARTE 2

Quantos conhecimentos você já adquiriu até aqui, não? Nesse momento, para **aplicar** ainda mais o seu conhecimento e, em seguida, **justificar** a sua linha de raciocínio, você deverá ler o texto a seguir, em trios, e numerar os parágrafos e trechos do texto de acordo com o índice abaixo (dois parágrafos diferentes podem ser numerados com os mesmos números ou um parágrafo pode conter mais de um número):

- 1) Título
- 2) Contextualização do tema
- 3) Apresentação de dados, histórico, acontecimentos
- 4) Posicionamento a ser defendido
- 5) Argumentação
- 6) Retomada de ideias e/ou posicionamentos
- 7) Palavras que sugerem conexão entre as partes do texto
- 8) Conclusão

### Racismo e democracia 1

*Não avançaremos enquanto preferirem buscar essa conciliação impossível* 4

Peço ao leitor que imagine que está diante de uma reportagem cujo título é: “Jovem testemunha roubo de moto, mas é preso e condenado pelo crime”. A julgar pelo título, a reportagem traz uma reviravolta. 2

Na primeira oração, o jovem tem o status de testemunha; na segunda, ele é o autor do delito; e, de modo célere, na terceira já foi preso e condenado. 2 e 3

Vamos introduzir no título um adjetivo, definidor de traço da aparência do jovem: “Jovem negro testemunha roubo de moto, mas é preso e condenado pelo crime”. O adjetivo é um marcador biológico que não se resume a indicar aspectos da corporalidade da testemunha. É uma palavra associada a representações negativas e significados implícitos. Com sua presença, será muito difícil que, num país de forte herança colonial, as pessoas se ocupem apenas com o significado explícito no título da reportagem. 3 e 5

**7** Desde que introduzimos a palavra “negro”, sua poderosa carga negativada pelos preconceitos torna tudo possível, e o título da reportagem já não nos parece estranho. É evidente para o racismo que devemos desconfiar de uma testemunha negra. O preconceito reorienta nossa leitura, e a rapidez do processo que prendeu, julgou e condenou não nos causa perplexidade. Normal. **5**

**7** Outra reportagem do portal UOL traz o depoimento de jovem médica negra de Natal que teve a formatura acelerada e foi lançada na linha de frente contra a Covid-19. A médica, de jaleco e estetoscópio no pescoço, relatou cenas explícitas de discriminação racial em seu trabalho. **3**

**7** Embora vestida de médica, a cor de sua pele gritava uma negação de seu status perante olhos preconceituosos. O jovem não pode ser testemunha, a jovem não pode ser médica. É o racismo decidindo quem tem e quem não tem o direito de tornar-se cidadão. A cor da pele destina-lhes lugar inferior nas hierarquizações sociais. **5**

**7** Vistas as coisas assim, é a biologia (uns são plenamente humanos, por sua natureza superior; outros são manifestações inferiores de humanidade, também em razão de sua própria natureza) que decide a marginalização do negro, suas privações, o desemprego e a fome. **5**

Se democracia pressupõe igualdade de direitos e oportunidades, é evidente que a afirmação da inferioridade biológica, essencial ao racismo, afasta os negros, a maioria da população, da possibilidade de competir e de realização plena. **5**

Para Florestan Fernandes, “o negro vem a ser a pedra de toque da revolução democrática brasileira”. É a presença plena do negro na vida econômica, social e política que dará a medida da realidade de nossa pluralidade democrática. Não há conciliação possível aqui. Nossas tentativas de democratização não se aprofundam porque preferem buscar a conciliação impossível entre democracia e racismo. **3 e 5**

O livro de estreia de Lima Barreto, “Recordações do Escrivão Isaías Caminha”, é de 1909, mesmo ano da eleição de Manuel da Mota Monteiro Lopes, primeiro deputado negro republicano. A Revolta da Chibata, liderada por João Cândido, é de 1910. Os negros querem participação política, cidadania plena e exigem o fim dos castigos corporais remanescentes da ordem escravista. Isaías Caminha, personagem de Lima Barreto, narra suas memórias para confrontar a tese da inferioridade congênita dos negros. **3**

Se recuarmos a 1798, na Revolta dos Búzios, na Bahia, vamos encontrar o depoimento de Manoel Faustino (enforcado e esquartejado) nos autos da Inquisição portuguesa, afirmando que atuou na revolta para que o Brasil tivesse um governo, do qual as pessoas participassem por seus méritos e não pela cor da pele. Cito a historiadora Emília Viotti da Costa de memória (o livro é “Da Monarquia à República”).

3

Estamos no século 21 fazendo eco a Manoel Faustino, Lima Barreto e tantos outros. A diversidade é expressão de força e não de fraqueza. Todos são igualmente humanos? Para os que acreditam que sim, a resposta política mais adequada a uma realidade social com a rica diversidade da sociedade brasileira é o pluralismo (veja a Convenção da Diversidade/Unesco).

6

O pluralismo que aparece no preâmbulo de nossa Constituição visa assegurar igualdade de oportunidades e expressão a toda diversidade que nos constitui. Resposta política a que, teimosamente, temos voltado as costas no Brasil.

8

**Edson Lopes Cardoso**

Doutor em educação pela USP e coordenador do Irohin - Centro de Documentação e Memória Afro-brasileira

Racismo e democracia. Folha de São Paulo, 12/05/2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2021/05/racismo-e-democracia.shtml>. Acesso em 13 jun 2021.

Depois de ter numerado o texto, escreva um parágrafo **justificando** o porquê das suas escolhas em relação aos números atribuídos. Em seguida, socialize com seus colegas e professor: todos colocaram os mesmos números?

O número 1 foi usado para o título; o número 4, para o posicionamento do autor que aparece no subtítulo (ou olho). O número 2, que contextualiza o tema, está mais presente no início do texto, no 1º e 2º parágrafos. No caso do número 3, ele aparece isolado, em alguns parágrafos – 5º, 10º e 11º – e em conjunto com o número 2 – 2º parágrafo – e com o número 5 – 3º e 9º parágrafos; em todos estes, percebemos exposição de dados ou acontecimentos. O número 5, relativo à argumentação, aparece nos parágrafos 4º, 6º, 7º e 8º, pois nestes há discussão efetiva de pontos de vista. O número 6 aparece mais ao final do texto, no penúltimo parágrafo, pois é o que retoma abordagens explicadas ao longo do texto. O número 7, que se referia às palavras – operadores – que conectavam parágrafos, foi colocado naqueles trechos em que essa relação de conexão ficou bem clara: do 4º ao 7º parágrafo. O número 8, por fim, colocado no último parágrafo, pois se trata da conclusão.

## Teorizando

Você deve se lembrar que, no Módulo 1, vimos como um Artigo de Opinião pode se estruturar, o que ele pode conter em termos temáticos e linguísticos... Entretanto, é importante perceber que **não há apenas uma única forma adequada de estruturar um artigo de opinião**. No exemplo do texto escrito por Edson Lopes Cardoso, intitulado Racismo e Democracia, vemos que a estruturação dos itens do que deve conter um Artigo de Opinião não é linear: há alternância entre parágrafos que expõem dados, parágrafos que só argumentam ou parágrafos que o fazem as ações ao mesmo tempo, por exemplo.

É importante termos essa consciência: a de que os gêneros textuais, quando circulam na sociedade, não são textos "fechados". Eles podem ter certa mobilidade em relação à estrutura. Desse modo, não só saber os principais itens que esse texto deve ter, mas também, identificá-los e analisá-los, é o que fará de você um leitor atento e, por consequência crítico, pois passará a perceber quais trechos trazem dados, acontecimentos, argumentação, posicionamentos ou mesmo posicionamentos contrários ao que se defende inicialmente como uma forma de argumentar.

## Vamos produzir?

Munido dos aprendizados que tivemos neste módulo e após já ter feito uma primeira revisão do seu Artigo de Opinião, é hora de consultarmos alguns critérios para começarmos a reescrita. Vamos lá?

A ideia, neste momento, é que você comece a **planejar a sua reescrita** e, para isso, propomos uma **checklist de revisão**. Complete-a atentamente:

**CRITÉRIO 1 - ESTRUTURA SINTÁTICA | LINGUAGEM UTILIZADA**

	Refazer	Pode melhorar	Está satisfatório
Seguiu a norma padrão?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ainda há problemas de estrutura sintática?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Há uso de articuladores textuais?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**CRITÉRIO 2 - ESTRUTURA DO GÊNERO TEXTUAL**

O título está adequado?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A introdução contextualiza o tema?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Há presença de dados, fatos históricos e/ou acontecimentos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Os argumentos são pertinentes e desenvolvidos?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A conclusão finaliza o raciocínio e propõe uma reflexão ou solução?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Levou em consideração o público-alvo que lerá o seu texto?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

**CRITÉRIO 3 - ABORDAGEM DO TEMA**

As informações selecionadas são pertinentes?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
As informações utilizadas ajudam na defesa do ponto de vista?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Algum dado ou fato pode ser mais aprofundado por meio de outras ideias?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

## Socializando o texto

Depois de entender e discutir a correção de seu professor e seguir a checklist para revisar o texto e fazer a versão final, agora é o momento de socializar o Artigo de Opinião feito.

Essa socialização é importante justamente porque quando escrevemos textos na sociedade, sempre é para alguém, com algum intuito, contendo determinada mensagem e assunto, de modo que faz sentido que outras pessoas vejam o seu ponto de vista discutido.

O professor criará um blog para que vocês possam digitar os textos e cada um poderá tanto ler o texto do outro quanto comentar sobre o que achou: se concorda, se discorda, se achou que colega de sala usou bons argumentos. Lembre-se da cordialidade e do respeito aos direitos humanos quando for escrever o que pensa.

**Bom trabalho!**

## Sistematizando...

Neste módulo você aprendeu a:

- a) **Analisar** tanto a produção feita no Módulo 1, com base no conhecimento adquirido sobre os Articuladores Textuais, quanto outro Artigo de Opinião em relação às suas partes constituintes, agora com a pauta do antirracismo em voga;
- b) **Justificar** o porquê a análise das partes do artigo de opinião estão corretas/adequadas;
- c) **Desenvolver** a versão final do Artigo de Opinião, após correções, trocas de ideias com colegas e revisão.